FON
FON
ANNO XXVI — N.° 45
Rio, 5 de Novembro de 1932
PREÇO: 1$000

A confiança exclue a duvida

O que nos leva a depositar nossas economias, —fructo do suor do nosso rosto.—nos cofres de um banco, é a **confiança.**

Para evitar horas de angustia e defender a sua saude e bem estar, não vacille um instante! Tome

o remedio de confiança

contra as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; colicas das senhoras; enxaqueca, nevralgias; resfriados, etc.

BAYER

Elimina qualquer dôr, estimula e reanima as forças e é de todo inoffensiva . . .

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

P E S A D E L O

Conto por Newton Sampaio

—EU não estou nada contente, ouviu, nhô Cesario?

—Hom'êssa, patrãozinho! Por que?

—E' que não tenho mais estomago, nem intestino, nem figado, nem nada. Está tudo derretido.

E, descarregando o mau humor na aspereza da voz:

—Que péssima andadura tem o diabo deste tordilho!

—Ué! Pois, si quizer trocar, "tou prompto".

—Não. Agora aguento até o fim.

O sertanejo com voz de consôlo:

—Não é nada, patrãozinho. Mais uns quinhentos metros, e nós encontraremos pouso.

—Pouso e jantar, que meu estomago, apesar de derretido, é um reclamador de marca.

O velho Cesario exhibiu parte dos dentes podres, num sorriso sibilino.

Alberto fechou mais a carranca. Estava irritado. Profundamente irritado.

Terceiro-annista de engenharia, quiz mostrar o que lhe valeram os annos de gastos na cidade. E emphaticamente falou ao pae que elle iria ajudar a delimitação das terras,—final de historica demanda judiciaria lá pelas bandas do Laranjinha.

Mas a jornada tinha de ser longa. E feita inteirinha a cavallo. Não se amedrontára, porém. Desacostumado de viagens similares, tinha-se em conta de robusto rapagão. E desde as 5 da manhã estava ali, escarranchado sôbre os arreios. Só descansára trez horas, mais ou menos.

Além disso, o pae lhe déra por guia e companheiro o nhô Cesario.

Nhô Cesario era um velho interessante. De cara meio bronzeada de tanto tomar sol, os cabellos começavam a branquejar. Mas a barbicha rala, essa não. Estava-lhe bem mais carregado o matiz negro. De olhos pequenos, viramexendo ininterruptamente, sem cessar, tinha enygmatico sorriso, de profunda ironia.

Consciente de sua ignorancia em materia de letras, a experiencia da vida, no emtanto, continuamente lhe suggeria inesggotavel repertorio de maximas. E que maximas!...

No começo da viagem, quando Alberto ainda conservava a bôa veia, palestraram bastante. O rapaz até rira muito de várias conclusões. Mas, de certa altura em deante o sertanejo assestára o satyrismo contra os "doutores".

—Vocês têm muita sabença. Mas um cabôco velho como eu ainda é capaz de dar muita rasteira em gente graúda. Rasteira em briga e rasteira em conversa.

Alberto não gostava dessas coisas. Sentia-se offendido no amor proprio.

—Patrãozinho. Quer saber de uma e isa? Esse negocio da gente abarrotar muito a cabeça de livros não adeanta nada.

E, deslocando assombrosamente o accento do termo "dfficil", accrescentava:

—As "philisophias" lá de vocês podem explicar alguma coisa. Mas no sertão... qu'esperança! Quer ver? Patrãozinho. *Me responda ao pé da letra...*"

E vinha lá o Cesario com um bando de characteristicas histórias.

O rapaz sempre engasgava na resposta. O diabo do cabôco tinha mesmo espirito fino. Sabia armar as rêdes.

Nhô Cesario, então, gargalhava sibilinicamente:

—Tá vendo? Que adeanta tanta sabença?

Os dois viajantes trotaram mais um pouco. Deram, emfim, com o almejado pouso. Palmo a palmo conhecia Cesario aquillo tudo. Por isso, adeantou:

—Nós vamos passar a noite com o povinho do compadre Serafim. Gente bôa. Muito sem luxo.

Entraram no terreiro. Várias pessôas. O interior da casa tambem concorrido.

Cesario extranhou:

—Ahi tem coisa...

Apearam. Foram recebidos com grande bondade.

—Tá passeando, Cesario?

—Não. Eu vou levar êste moço lá p'ro Laranjinha. Mas o que há por aqui?

—Nada. Só a patrôa do compadre Serafim que morreu esta madrugada.

—Verdade? Pobre da comadre!...

E Cesario desappareceu no interior da casa.

(*Cont. na pagina seguinte*).

PESADELO

(Continuação)

Alberto, meio ressabiado, ficou entre os sertanejos. Mesmo ali de fóra póde divisar, na sala de dentro, a mesa, com quatro velas accesas ao redor de um corpo.

—E esta, agora? — pensou. — Será que vou dormir junto com o defunto?

Cesario pareceu adivinhar-lhe o pensamento. Voltou.

— Patrãozinho. Já arranjei o pouso p'ra nós. E' ali perto, por detrás daquellas bananeiras. Um compadre meu vae passar a noite inteira, com a familia, no guardamento.

Lesto garotinho levou os cavallos. Andaram pouco. A casa não era longe.

Comeram algumas coisas requentadas e o menino aprompton-lhes a cama.

Alberto collocava as mãos espalmadas nos quadris. Parecia-lhe que os ossos se tinham desconjuntado.

Anoitecêra. Os animaes do brejo enchiam os ares com o coaxar irritante. Verdadeira symphonia para malucos.

Quando se preparavam para dormir, chegou até elles um canto monótono, plangente.

Levantou-se o Cesario.

—Você me espere aqui. Vou ajudar a fazer o guardamento pelo menos um pouquinho. Coitada da comadre! Tão bôa!...

E já de sahida:

—Não feche a porta, hein? Deixe-a encostada, apenas, que volto logo.

Alberto ficou só. A vela tremeluzia pelo vento que passava nas frinchas. E pelas mesmas frinchas do quarto pequeno, cheio de canastras e de arreios, penetrava, como que canalizada, aquella toada continua, fúnebre, enervante, com ressaibos já de cemiterio.

O rapaz não poude impedir um calefrio na espinha.

—E agora? Será que os caboclos vão passar cantando a noite inteira?

Sentia o organismo exgottado pela viagem. Precisava dormir, mesmo.

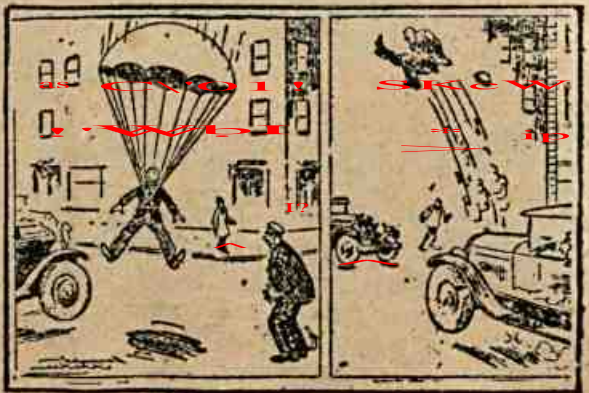
—...Sinão meu esqueleto fica ahi pelo caminho... O leito não é lá dos mais agradaveis. Mas p'ra quem está cansado... E aquelle besta do Cesario? Por que inventou de ir ao guardamento ? Aquella porta semi-cerrada, no meio de tanta escuridão... Na verdade. Estou bem arrependido de me ter mettido na historia. Aturar estas amolações todas!... Só por patriotismo... Ainda bem que a morte da tal mulher attráe a attenção de toda a redondeza. Do contrario, algum cangaceiro da zona, por não ter o que fazer, viria visitar cá esta mentalidade, num exame arrochado dos bolsos. E isto constituiria aven-

---

DESENGANO

Que queres?
O meu amor é assim:
volupia, sensação, renuncia, esquecimento...
Por que te queixas de mim?
O meu am r é assim:
macio como a pluma e vário como o vento.

Eu já desci de todas as mulheres.
E a gente só conhece que quer bem,
quando sente, bem fundo, a saudade de alguem.

* * *

OS GRANDES INVENTOS. — Um bemfeitor da humanidade faz demonstrações de seu para-quédas para pedestres...

tura nada agradavel para mim. Afinal!... Mas que coisa barbara! Os meus ossos parecem que estão no vivo. Vou experimentar dormir com com as costas para baixo. Si viro do lado direito, dóe-me tudo. Si viro do esquerdo, peor ainda. "Quanta amargura para um pobre coração apaixonado!". Assim. De papos para o ar. Eis a melhor fórmula trigonometrica da occasião. Na volta, preciso desvendar aos collegas o seno e o co-seno desta malfadada viagem...

E, pouco a pouco, foi adormecendo.

De repente, pareceu-lhe que o vento escancarára a porta. Mas, coisa extraordinaria, em vez de apagar a vela, caso estivesse accesa, accendeu-a quando apagada.

Estremunhado, transido de pavor, sentou-se rapidamente no catre.

Latejavam-lhe os vasos sanguineos. Gélido suor corria-lhe nas faces. O coração semelhava uma catapulta localizada dentro do torax.

Desenhou-se, então, no humbral, fantasmagorica e horripilante figura de caboclo. Tinha a a bôcca largamente aberta em medonho sorriso, que punha á mostra aguçadas presas. Parte dos cabellos, embebidos não sei em que hediondo fluido, emplastravam-se na testa estreita, quasi encobrindo as escleroticas sulcadas de laivos encarnados. A camisa, encardida, desabotoára-se na altura do peito, deixando transparecer negra pellugem.

E o vulto vinha aproximando-se devagarinho, devagarinho, para prolongar a agonia do rapaz.

Os sons que partiam do brejo cessaram em syncope brutal. A melopeia lugubre do guardamento soffreu tambem violenta interrupção.

E o vulto, cuja projecção, feita pela tremulina da vela, se tornava cada vez mais alongada na parede de barro, se vinha aproximando, aproximando...

Podia distinguir-se, agora, na altura do ventre, a dextra, de palma energicamente encarquilhada no cabo de uma faca, a brilhar, sinistra, no quarto penumbroso.

Alberto, com os olhos esbugalhados, queria gritar. Precisava gritar. Mas estrangulhava-se-lhe a voz na larynge.

E quando o bandido já roçava os bordos do catre com a arma terrivel, conseguiu gritar, esganiçadamente:

— Cesario! Cesario!

O sertanejo, entrando nesse momento, sorriu maliciosamente ,ao perceber o espalhafatoso accordar do companheiro de viagem.

E emquanto este, treme-tremendo, passava nervosamente a mão pela fronte, para certificar-se de estar accordado... e vivo, o velho Cesario motejou, finamente:

— Uê! Lá nas suas Escolas a gente aprende a ter mêdo tambem?...

E preparou-se para dormir.

Eu fui criado assim...
eu fui criado á tôa
e espero o teu perdão, porque tu'alma é bôa.
Que culpa tenho eu de ter nascido assim:
—com a alma de Pierrot e o sangue de Arlequim?

Por isso, minha amiga,
não te queixes de mim...
—sou como a flor que attráe e tem, á frente, o
[espinho;
como uma arvore esguia, immensa, cuja fronde
guarda os beijos de luz, na hora em que o sol se
[esconde,
e vae deixando a sombra no caminho.

PAULA CHAVES

A vingança macabra

(Cont. do numero anterior)

UM sol que se diria *mal desperto* — erguia-se no céo, afastando preguiçoso as sombras da brumosa noite de agosto. Todas as coisas pareciam distillar cansaço, um tedio infinito. Lamson, mergulhado até então em seus pensamentos, voltou, finalmente, as costas para a janella e assentou-se numa cadeira. O livrinho de Stevens estava agora no chão, a seus pés, no mesmo lugar em que o arrojára num movimento de colera. Apanhando-o mal humorado, leu o titulo na capa: "Encyclopedia Popular, IV parte". Seguramente o velho Stevens comprara-o para encurtar suas aborrecidas vigilias naquelle quarto andar da casa da rua Lymposs; em sua obstinação lêra, com certeza, todo o livro do começo ao fim.

Seis, sete, oito, nove, dez.... Passavam com pés de chumbo todas aquellas horas para o pobre Lamson. Para cumulo, o "perfume" da *bemdita* fabrica saturava todo o quarto, até o almoço frugal que lhe tinham enviado, preparado na policia. Um gato, unico habitante permanente do quarto, approximou-se de Lamson em busca da costumada ração de leite; servia-o a pequenos goles, marcando o rythmo com a linguinha côr de rosa; limpou depois os bigodes e afastou-se, satisfeito, muito mais, certamente, do que o seu bemfeitor occasional. A's quatro da tarde, regressaria outra vez, mas até lá, sua silhueta esqualida se refugiaria nas sombras dos tristes aposentos daquella succursal da burocracia policial plantada em pleno coração de uma pensão do bairro pobre. Lamson morria litteralmente de tedio, mas não tinha nenhum outro remedio sinão esperar a hora de render a guarda.

Pelas onze horas, a rapariga sahiu do quarto, fechando á chave a porta. Lamson seguiu-a na sortida habitual — ella não parecia suspeitar siquer que a vigiavam, — e teve-a sob os olhos até que desapparecesse de novo, por detraz da porta do aposento. O detective voltou para o seu lugar, para a odiada cadeira, onde devia esperar estupidamente que o tempo passasse, quando havia mil outros assumptos que reclamavam com mais urgencia a sua presença!...

A's duas horas, Lamson não precisou deixar o aposento para o *lunch*, pois levára comsigo alguns *sandwiches*. Claro está que, com o *cheirinho* vindo da fabrica, ninguem poderia comer com gosto. Tendo desenrolado os *sandwiches*, tornou a embrulhál-os.

Si as coisas proseguissem de tal modo, morreria de fome, de tedio ou de neurasthenia. E tudo por causa de um velho maniaco, que se empenhava em descobrir fios de uma trama onde reinava a mais perfeita normalidade.

Passou por uma modorra durante algum tempo. Despertou-o a cautelosa reapparição de Stevens. Não devia vir senão ás cinco, mas acabava de inteirar-se de algumas novidades que julgou de seu dever communicar ao companheiro de pesquizas. Mas começou por levantar o livro do chão e accommodar os *sandwiches* que Lamson atirára ao acaso sobre a mesa: a ordem acima de tudo.

—Nesse caso se vae tornando interessante,—poz-se a dizer, com visivel bom humor.

E, sem maiores preambulos, despejou tudo quanto sabia. Holohan trahira o companheiro,—Purdy,— fazendo algumas revelações sensacionaes. Assim, quem matara Tonia não fôra seu "partenaire" de dança, Yucatán Tonio, mas o proprio Purdy. O descontentamento de Tonio e a scena de ciumes, —tudo era pura invenção, porque o estrangeiro não apparecêra em coisa alguma. A rapariga resistira aos ataques amorosos de Purdy, embriagado completamente, e, então, furioso por vêr-se repellido, applicara-lhe um terrivel pontapé no ventre. Depois do facto, Holohan retirara-se, arrastando comsigo o camarada.

A repentina declaração de Holohan não era inspirada, certamente, por um desinteressado desejo de facilitar o trabalho da justiça; aos ouvidos do *sparring-partner* haviam chegado rumores de que Purdy pretendia atirar-lhe a responsabilidade do crime. Além disso, acreditava que o outro estivesse prestes a embarcar para a Argentina—si é que não o havia feito já—, pois não voltára a vêl-o.

Poz-se naturalmente em campo para salvar sua reputação. Com respeito a policia, nenhuma noticia tinha tido de Purdy até as declarações inesperadas de Holohan. O resultado dos informes do *sparring partner* não o deixaram ir, a elle, Stevens, tranquillamente, para casa, como de habito, mas o detiveram nas ordens para a captura de Purdy, que podia ter ou não embarcado para a Argentina, mas que, com certeza, já não frequentava já os sitios onde era visto sempre.

Lamson escutou toda a exposição do collega com um sorriso que tinha muito de ironico.

—Má sorte, Stevens! — exclamou, contendo um bocejo.—E má sorte para mim tambem! Deus o abençõe e mais ao tal Yucatán Tonio! Creio, isto sim, que taes novidades significam o final de nossas estupidas vigilias...

Approximou-se para apanhar o gorro, emquanto Stevens coçava a cabeça, pensativo.

—Mas falta uma coisa ainda, amigo Lamson— disse, lentamente.—A ultima vez que Holohan viu Purdy, isto é, a ultima vez que alguem o viu, num taxi com uma rapariga muito parecida com a nossa vizinhazinha de lado. Purdy e Holohan encontraram-n'a em Leicester Square, uma noite, ha mais ou menos duas semanas, justamente em frente ao "Eldorado", e ao mesmo tempo que eu. Purdy afastou-se logo num taxi, sempre em companhia della. O interessado é que não se teve mais noticia delle desde essa noite. Holohan acredita ter sido um dos ultimos a vêr o *sparring-partner*. Teme, por isso, que haja fugido para a America.

Lamson lançou-lhe um olhar de septicismo sincero.

—E quem diz que a rapariga era a mesma do quarto do vizinho ao nosso?—perguntou.

—Digo-lhe eu—respondeu Stevens, profundamente convencido. —A descripção de Holohan coincide com os signaes della, os signaes que conhecemos por tél-os observado uma infinidade de vezes, e directamente.

Lamson deixou ouvir um grunhido de zombeteira incredulidade. Poz de novo o gorro sobre a mesa e voltou á cadeira odiada. O rosto revelava eloquentemente a contrariedade que semelhante coisa lhe produzia. Não conseguiu, todavia, molestar Stevens, que não se mostrava disposto de modo algum a prolongar uma discussão inutil.

—Voltarei ás cinco disse, rapidamente.

Lamson ficou só de novo. Passou-se uma hora, duas, tres.... A's quatro, appareceu outra vez o gato da manhã. O animalzinho olhou Lamson, da porta, com evidente desconfiança; depois, convencido, sem duvida, de que nenhum perigo o ameaçava, entrou lentamente no quarto, com a cauda quasi vertical. Lamson, que via na coisa mais insignificante, uma especie de distracção para o seu isolamento forçado, acolheu-o com um sorriso quasi amistoso. Tomou logo em seguida os *sandwiches*, de cima da mesa e collocou-os no chão, depois de tel-os livrado do papel que os envol-

via. O gato cheirou o fiambre um instante; em seguida, poz-se a mordiscar os *sandwiches*, lenta e preguiçosamente. Lamson entreteve-se uns minutos vendo comer o seu companheiro de vigilia habitual, até que do quarto immediato lhe chegou um ruido muito conhecido. A pequena morena sahia mais uma vez. Ausentava-se sempre a essa hora para comprar leite. Era seu dever seguil-a, pelo que se dispoz a fazel-o, apesar do aborrecimento enorme que lhe trazia tal coisa. Estava, na realidade, cansado de andar atraz da pobre rapariga, que sahia invariavelmente com o mais inoffensivo dos fins. Resolveu-se então que sahisse para comprar o leite, si o quizesse, e voltasse sozinha, como nas occasiões anteriores.

Da janella, viu-a afastar-se e perder-se, afinal, numa esquina da rua.

Quatro horas chegaram. Passou-se quasi mais uma hora. Lamson olhou, então, o unico leito do quarto. Tão odioso quanto lhe era a cadeira, não se lembrára delle para assentar-se ou recostar-se. Mas a atmosphera do acanhado aposento, pessimamente ventilado, uma atmosphera pestilenta, acabou por dar-lhe somno. Accendeu um cigarro e poz-se a fumar, para disfarçal-o.

O appetite do gato foi rapidamente saciado. Brincava, agora, com os papeis dos *sandwiches*, dando pancadinhas com uma outra patinha. Lamson sentia que os olhos se lhe cerravam. Dormiu pensando na possibilidade de ir á noite ao theatro.

Quando despertou, o cigarro abrira dois grandes buracos na colxa e nos lençóes. O somno durára mais de cinco minutos. Levantou-se vagarosamente, bocejou e espreguiçou-se á vontade, accendendo, por fim, outro cigarro. Só então, olhou casualmente para o lugar onde brincava, momentos antes, o animalzinho.

Foi grande a sua surpreza. O bichano jazia de flanco junto ao papel dos *sandwiches*, inteiramente immovel, com as patas muito separadas. Lamson inclinou-se, então, sobre elle para fazer-lhe cocegas nas costas, notando, com explicavel assombro, que o seu pequeno protegido se achava morto. As pernas já estavam tesas e duras como pequenas barras de aço. Immediatamente, quasi, fez outra descoberta. No ventre haviam desapparecido alguns pedaços de pelle, como si a tivessem devorado sem respeitar siquer o pello.

A certa distancia, viu um bichinho que se movia com estranha celeridade. Quiz apanhal-o; desistiu, porém, do intento, pois sentiu duas ou tres vezes alfinetadas nas pontas dos dedos. Teve, de prompto, a explicação: encontrou no flanco do gato uma especie de formigas esverdeadas.

Olhava, absorto, o gato morto, quando appareceu Stevens, de regresso já. Interessou-se pelo episodio do gato e pelas formigas, mas, no momento, toda a sua attenção estava concentrada no caso da rapariga.

—Sahiu esta tarde ? perguntou, indicando com um gesto o compartimento contiguo.

Lamson vacillou um instante só. Uma força irresistivel levava-o a assentir com a cabeça. Em muito tempo do que pensava, resolveu-se a fazel-o. De qualquer modo, não corria perigo algum, porque a essa hora a rapariga já deveria ter voltado. Não havia, pois, razão nenhuma para confessar a Stevens que não a seguira, segundo seu dever. Assim foi; assegurou com um leve movimento de cabeça que a rapariga havia sahido. Si bem que tivesse um segundo de vacillação na resposta, Stevens não o pareceu notar. Detinha-se em observar o lugar em que faltava um pedaço de pelle ao gato.

—Olá !—exclamou, surprehendido.—Como trabalham depressa esses bichos ! No ponto destroçado, já se vê o osso.

Lamson lançou fóra o cigarro acceso havia pouco; não sabia porque, mas o fumo causava-lhe nauseas agora. Sentia a cabeça como si fluctuasse numa atmosphera de densos vapores; os ouvidos zumbiam-lhe. Voltou a sentar-se no leito.

— Que se passa, Stevens? — perguntou, com um tom distrahido.

Mas Stevens não o escutava. Tirou outro volume de sua Encyclopedia do bolso e começou a folheal-o, ansioso.

—Neste volume existem duas boas gravuras representando uns bichos muito parecidos com os que acabamos de vêr—falou.—Parece-me que poderia reconhecel-os si estivessem aqui. Vae embora agora ?

Mas Lamson não tinha nenhuma pressa de ir embora. Julgou conveniente continuar assentado ainda na beira da cama, para procurar certificar-se de que os zumbidos nos ouvidos eram reaes ou si não, imaginarios, provenientes de alguma allucinação. Stevens, ao vêr que a sua pergunta não merecera resposta, assentou-se defronte da mesa e continuou em sua pesquiza. Na primeira gravura referida, não encontrou a especie de formigas que o interessava; mas, na segunda, achou um bichinho de côr verde-claro que lhe fez aspirar com força o fumo do cachimbo. Mas antes quiz convencer-se de que não o enganavam seus olhos. Voltou ao meio do quarto e observou bem as formigas que ainda se encontravam ao pé do gato: eram as mesmas.

— Vejamos — disse, procurando o numero da gravura. — Vinte e tres?... Vinte e tres.... Aqui está!...

E depois, em voz alta:

— "Termites Phagosarkos. (formiga branca da America Central)"...

Repetiu varias vezes o nome, dando mostras de grande satisfação.

— America Central... Termitas.

O cachimbo fumegou como uma chaminé varios minutos.

— Termitas... America Central... — repetia Stevens, pensativo. — Vejamos si encontramos outras...

Os hymenopteros tinham desapparecido. Começou a revolver os papeis, deu uma volta em torno do gato morto. Sem o querer, viu tambem Lamson assentado sempre á beira da cama, com a cabeça entre as mãos; mas não deu importancia ao facto, attribuindo-o á estupida hostilidade mostrada pelo collega nos ultimos quinze dias. Approximou-se da porta. Ahi, caminhando em direcção ao papel dos *sandwiches*, viu outro hymenoptero. Era do mesmo tamanho que os demais e esverdinhado tambem; de modo que não havia razão para confusões.

Amassou o insecto entre os dedos e abriu a porta do quarto. Ficou uns instantes olhando o corredor apenas illuminado por uma pequena lampada que pendia do tecto. Estava para cerrar de novo a porta, quando viu um pequeno

(*Cont. na pag. seguinte*).

ponto surgir da fenda existente entre o humbral e o batente da porta, por detraz da qual a rapariga havia vivido silenciosamente aquellas duas semanas. O pontosinho escuro approximou-se delle. Atraz desse insecto — já o podia distinguir perfeitamente — vieram outros e mais outros. De modo que as taes formigas chegavam do aposento contiguo, do mesmo aposento occupado pela pequena morena que elles tinham vigiado por tanto tempo inutilmente... na opinião de Lamson.

Uma pancada secca fêl-o voltar a cabeça.

Lamson, tendo deslisado da beira da cama, jazia inanimado sobre o assoalho. Stevens correu em auxilio do collega, collocou-o de novo no leito, humedecendo-lhe, em seguida, o rosto com agua fria. Sacudiu-lhe com força as mandibulas, finalmente. Mas Lamson não parecia querer despertar.

— Que diabo terá elle? — ruminava Stevens, alarmado.

Lamson estava extraordinariamente pallido e com feições dolorosamente contrahidas.

— Céos! — exclamou para si Stevens, no tom de quem fez uma grande descoberta. — De onde virão esses monstros?

Approximou-se de novo da porta e sahiu de ponta de pés pelo corredor. Chegou-se á porta da vizinha. Reinava lá dentro, como sempre, o mais profundo silencio. Examinou a fechadura: era indubitavelmente uma fechadura nova. Bateu, e collocou a mão no gatilho do revolver, disposto ao que

A vingança macabra

(Conclusão)

désse e visse. Mas o chamado não obteve resposta alguma.

Ficou suspenso alguns minutos. Nenhum ruido veiu perturbar a absoluta serenidade do ambiente. Decidiu, então, tentar a sorte. A fechadura parecia nova, mas o batente era, evidentemente, velho. Pouca ou nenhuma resistencia poderia oppôr. Tomou distancia, tanto quanto lhe permittia a largura do corredor, e lançou-se com força de encontro á porta. Tal como previra, esta cedeu, e elle foi cahir de joelhos no interior da peça.

O unico occupante do quarto, um homemzinho de rosto amarellado, assentado de cócoras sobre uns almofadões, levantou-se, mas sem demonstrar nenhuma surpresa nem alarme. Stevens tambem se ergueu.

— Eu o estava esperando — disse Yucátan Tomio, porque era elle, sorrindo calmamente. A policia, não é verdade? E' a mim que procura? Ou procura, por acaso, o gigantesco Purdy?

Stevens nada respondeu, absorto na contemplação de uma mesinha situada em meio do quarto, sobre o qual ardia uma pastilha que enchia todo o aposento de um cheiro penetrante. Mas para lá da espiral de fumaça rosada, se via uma pilha, symetricamente disposta, de ossos brancos; coroava a pilha um craneo que parecia olhar sorridente do fundo das orbitas vazias e profundas. O espectaculo tinha alguma coisa de grotesco e de macabro ao mesmo tempo; Stevens, ainda que possuindo nervos bem fortes, não poude subtrahir-se a um movimento de involuntario horror.

Yucátan Tomio estendeu, então, a mão para os ossos, e, á maneira de apresentação, disse:

— O senhor Purdy...

Tornou a sentar-se nos coxins. Aquelle homem estava louco ou, seguramente, não tinha o que chamamos — sensibilidade.

— Elle matou a minha pequena Tonia, — explicou. — Esta manhã, acabei com elle. Reservei o cerebro para o ultimo lugar, mas as formigas não o querem devorar. Engolem com demasiada lentidão. Parece que não gostaram do cerebro de Purdy... Creio que algumas se escapam pelo assoalho. Foi preciso espalhar por elle um pouco de mel..., para que o pudessem tragar... Só assim darão cabo delle... Prenderam a pequena Nita?... Disse-me ella que o senhor e o seu companheiro a seguem todos os dias... Ah! Mas é habil a pequena Nita!... Auxiliou-me bastante para attrahir Purdy, porque é irmã de Tonia... Trouxe-a da America... Custou-me tudo isso muito dinheiro, mas, graças a Deus, acabamos com Purdy. Quer vêr as formigas?

Sem esperar resposta, tirou uma pequena lata de folha de Flandres de sob a cama; os rebordos estavam untados de mel. Abriu-a com grandes precauções.

— Olhe! — disse, suavemente.

Mas Stevens não se moveu do lugar onde estava, profundamente impressionado.

NÃO condenaram a pequena Nita, si bem que tivesse attrahido Purdy ao proprio sitio onde a vingança se devia consumar, e assistisse impassivel ao macabro festim das formigas. E Tomio, tão pouco, foi condemnado á pena capital. Além disso, elle mostrou sempre uma absoluta indifferença pela especie de castigo que lhe impuzeram; dir-se-ia até que experimentava certo prazer deante da perspectiva de ser condemnado á morte. Perdida Tonia, o mundo significava muito pouca coisa para elle...

Após varios dias, passados entre a vida e a morte, Lamson decidiu não morrer. Pensa, todavia, que os mais ineptos têm sempre uma sorte espantosa. E ahi estava o caso desse bruto Stevens, promovido agora ao posto de sargento detective!

NILSA ROSA (S. Paulo) — Olá! Volta ao "Saibam todos"...? Quantos mezes de ausencia! Tambem era natural. As paulistas estavam arredias do resto do Brasil...

Seja, pois, bemvinda a esta casa!

O mais interessante é que não me recordo de sua illustre pessôa. Mas basta ser paulista para ter a minha sympathia e admiração.

Eu quero bem ás paulistas e ás gauchas.

A sua cartinha é curiosa. Diz v. ex.:

"Yves. Lembra-se de mim? Se lhe escrevo hoje não é com o fito de desagradar-lhe. Foi este o termo que o snr. teve a gentileza de empregar em resposta á minha carta (tambem roséa) no "Fon-Fon" de 5-7-930. Hoje o sentido desta é "ultra" differente. Entremos logo em assunto. Tenho uma coleguinha que faz versos... Já sei que vae dizer com toda a sua celebre ironia: Isto é tão banal e corriqueiro... Mas o fato é ser minha amiguinha muito modesta e temer expôr-se á sua critica "assez sévére". Eu não entendo de metrica mas, acho que se não é uma bôa poetisa a "Rosa do Vale", se-lo-á algum dia. Peço ao Yves que advogue esta causa e sendo ganha, dê a honra de publica-los. Se não for digno de figurar nas finas paginas dessa revista, peço-lhe o obsequio de dar seu valioso e conceituado conselho se a "Rosa do Vale", pode ter esperanças de um dia figurar em um cantinho do "Fon-Fon". Como disse acima foi por ensinuação minha que estes versos foram parar nas suas fidalgas mãos. Já vê se houver pauladas, sou eu quem a recebo. Cumprimenta-lhe — *Nilsa Rosa*."

Muito bem. A opinião que fôrmo da sua amiguinha *Rosa do Vale* lhe é muito favoravel.

Apenas quero frisar que os seus versos, por emquanto, ainda não são dignos de figurar numa revista. Mas que ella vá escrevendo e não desanime.

GLORY (Capital) — Aqui está a sua missiva verde-esmeralda.

Ella me faz lembrar uma observação de Machado de Assis, creio eu: "Esse mestre do estylo notou, certa vez, que ha certas pessôas ás quaes é necessario explicar tudo, tim-tim por tim-tim. E' preciso pôr sempre os pontos nos ii...". V. ex. é uma dellas.

Mas, vamos á sua carta:

"Yves: Não se assuste pois não sou poetisa.

Relendo ha dias o Fon-Fon de 1-1-930 vi na secção "Saibam todos" esta critica:

—"A rima em rudo é de um poeta que dispoz de poucos recursos de technica, pois é sabido que toda gente diz rude e não rudo. Rudo é uma palavra pouco usada e afeia o verso".

Algumas paginas após, no soneto "Carta", vi uma quadra dessa mesma rima que repudiaste.

—"E agora que a tristeza tudo [invade,
E as coisas dormem num silencio [*rudo*,
A noite é como um genio manso e [mudo,
Que desce sobre a terra na orphan-[dade.

Sei que a rudo é a forma arcaica de rude e que antigamente o feminismo era ruda.

Apezar de não ser entendido da materia julgo que a hipotese "erro de impressa" está abolida, pois rudo esta rimando com mudo, e invade com orphandade.

Como sou estudante, de um curso não muito adiantado, e muito curiosa, queria saber o *porque* dessa divergencia de opiniões.

Esperando ser atendida, pois "quem espera sempre alcança", agradeço a gentileza que teve de ler esta. — *Glory*."

Ora, o seu reparo deve ligar-se ao caso de um soneto do sr. Mucio Carias, do Espirito Santo, a quem dei a resposta que se segue:

"**MUCIO CARIAS** (E. Santo) — O seu soneto se resente de varias imperfeições.

Ha uma dissonancia no 1º verso do 1º quartetto, com a palavra *rosas* e a preposição que a antecede.

O 4º verso do mesmo quartetto é horrivel, com aquella ordem indirecta.

Verso banal e plebeu, pela sua construcção:

Pensando na ternura de vocês...

A rima em *rudo* é de um poeta que dispõe de poucos recursos de technica, pois é sabido que toda gente diz *rude* e não *rudo*. *Rudo* é uma palavra pouco usada e afeia o verso.

Como vê, com taes defeitos, o seu soneto não passa."

Qualquer pessôa medianamente culta percebe logo que o soneto não foi impugnado somente pela rima *rudo* que, afinal, podia ser tolerada. Os motivos que determinaram aquella rejeição foram varios. Entre estes, figurou o caso da rima *rudo*... Oh! Deus! Por que então explorar o facto — torcendo-se-lhe manhosamente, o sentido?

No fim da nota, eu friso bem: "Como vê, com taes defeitos o seu soneto não passa".

(*Continúa na pag. seguinte*)

Si é usando de má fé que certos leitores desta pagina pretendem combater-me é claro que só me deixarão á vontade para agir, favorecendo, o que é mais, a minha victoria.

MARCOS ALVES (Minas) — Meu caro poeta, por maior que seja a minha bôa vontade não me é possivel dar publicidade aos poemas que me envia.

Primeiro, porque a sua fórma é má; depois, porque o fundo é peor.

Versos de uma banalidade penosa, os seus poemas reproduzem idéas e logares-communs que devem cheirar a mofo literario.

E é tudo tão vulgar, tão plebeu tão raso nos seus versos que se tem a impressão de ir caminhando por um Sahara... de rimas.

Uma prova? Eil-a:

"NO DIA DE MINHA PARTIDA..."

Para O. D. G.

Minha amiga:
Esse poema triste
eu escrevi para voce,
no dia de minha partida

Leia-o devagarinho minha flôr.
E veja
com um pouquinho de piedade,
todo o sentimento que nesses ver-
[sos ponho...
E você,
ha de lembrar com um pouco de
[saudade,
d'aquelle amôr tão lindo que foi
[o nosso amôr...

Esse poema triste...

E' para você, querida.
Guardado
E' um pedaço de minha vida.

O outro não é melhor nem peor: é egual ao citado.

Isso, porém, não quer dizer que o sr. vá parar no meio do deserto, quero dizer, do seu Sahara de rimas... Deve proseguir na viagem, não em dorso de camello, mas em automovel resistente.

FELIPE AUGUSTO (Minas) — *Vanitas vanitatum!* E' curioso notar como toda gente deseja ser importante. O sr., por exemplo, com a sua carta, dá a entender que assumi uma attitude qualquer em relação á sua pessoa. E eu, de minha parte, nem sequer entendo bem o que o sr. quer dizer. Não entendo nada do que me escreve.

Eis aqui a sua missiva:

"Prezado Yves! Já quatro numeros de "Fon-Fon" avolumam minha coleção dessa adoravel revista desde que lhe escrevi. Na carta a que me refiro eu lhe dizia certas coisas a que você não deveria, ou melhor, não poderia responder sem cair na armadilha lançada por você mesmo. Eu comprehendi e desculpei. Mas ha uma coisa que ferio um pouco meu amor proprio. Essa coisa foi você não dar sua opinião sobre os versos que lhe mandei. Não julgo seu silencio da mesma maneira porque o julgaria o bello poeta "mineiro" senhor Riv.

Mas, meu caro Yves, não briguemos por isso. Desculpe se o ofendi com minha franqueza. E, faça-me mais um favor. Leia o "conto" que lhe mando e diga-me se tambem devo desistir da prosa (você já me aconselhou a desistir da poesia).

Aguardo suas resposta pelo S. T. Creia seu amigo sincero e admirador enthusiasta. — *Felipe Augusto.*

Rio 8-10-32.

P. S. Perdoe a indiscreção, mas pode-se saber quando teremos mais um livro de sua pena brilhante? Já está sendo reclamado. "Uma garçonne carioca" foi o aperitivo (e que aperitivo!) que nos abriu o apetite. E queremos mais. Quasi digo, exigimos mais. Você não deve ser egoista. Não deve guardar só para si todas as flores de sua peregrina inteligencia. Os conselhos do grande Vargas Villa não foram feitos para homens como você.

Quando?"

O sr. nem sequer sabe classifcar o que escreve. O sr. não me remetteu um conto, mas uma chronica um tanto licenciosa.

Esse assumpto de cabaret, tratado em uma revista como a nossa, exige muita subtileza. As coisas não podem ser ditas com a crueza que as caracteriza. Ha certos criticos energumenos que não comprehendem isso. Ainda ha pouco um delles me atacou, porque, falando eu de cabarets, mal accentuava os contornos das coisas e das almas. Esquece que eu escrevia tambem para senhoritas de élite.

Ora, o sr., caro Felipe Augusto, caiu no mesmo erro. E é uma pena, pois a sua chroniqueta está escripta com elegancia e, embora inverosimil não deixa de ser uma chronica authentica de cabaret.

Yves

Toda e qualquer correspondencia dirigida a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario cortar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 5-11-932

Data da consulta.......................

Nome do consulente.......................

....

O CLAUSTRO DAS LENDAS AMOROSAS

Entre a maravilhosa obra dos seculos accumulada no mosteiro chamado Porta Cœli, na collina de Naquera, em Valença, perpetua-se, na humildade do seu recolhimento, entre as cellas asceticas, uma pauperrima e sombria, com todos os caracteres dramaticos de uma prisão e que impressiona profundamente. E eis porque esse recanto de austera penitencia, sem outra communicação com o mundo exterior que uma pequenissima janella inaccessivel ao recluso, está associado pela tradição popular a uma lenda tragica: a lenda da sylphide do aqueducto, que a musa do padre Arolas vulgarizou na Hespanha quando sobre ella soprava, desencadeado, o furacão romantico.

Fica a referida cella proxima ao monumental aqueducto que canalisa a agua para o mosteiro e suppõe a tradição que ahi viveu, morrendo, nos principios do seculo XV, certo monge cartucho, condemnado a perpetuo encarceramento por suas leviandades. O infeliz, membro de nobre familia valenciana, ingressara na Ordem de S. Bruno sem a menor vocação religiosa e só para attender a desejo de seus paes. Rompeu, assim, os profundos e intimos laços que o prendiam, já ha annos, com uma formosa joven, tambem de alta nobreza, chamada Ormezinda. Não se conformou a enamorada do moço com a separação crudelissima. E é fama que sob o manto protector da noite, e á luz dos relampagos, atravessava o aqueducto para penetrar na cella do antigo amante, então já monge professo. Descoberto, pelo Prior, o nefando delicto, o monge foi condemnado a morrer de fome. A apaixonada Ormezinda falleceu logo depois, envenenada.

Esta lenda tão tragica foi tambem aproveitada, depois do padre Arolas, pelo escriptor Vicente Roix, em sua novella "O enclausurado de Valença", publicada em 1846.

A SALVAÇÃO

DESDE ha um momento, o somno artificial em que Luiz se refulgia durante a noite é sacudido por uma angustia imprecisa mas dilacerante. A' medida que o dia nasce e que o entorpecente deixa de agir, Luiz sente que volta seu mal. E chama, com voz desfallecida:

— Martha...

Martha é seu mal. Até quando dorme, Luiz soffre por ella. Acordado, padece uma dôr physica ao pensar em *sua* Martha.

Extende o braço e apalpa as cobertas. De repente, se ergue. O logar de Martha estava vazio.

A vertigem atroz daquella ausencia faz com que Luiz adquira bruscamente a torturante noção de si mesmo e da cruel realidade.

— Onde está?

Antes de abrir bem os olhos, Luiz se encontra de pé junto ao leito. Cambaleia, com o coração opprimido e a bocca amarga. Sente náuseas. As mesmas náuseas de todos os dias, de quando seu cérebro examina aquelle amor intenso que seu coração professa a Martha.

Impacienta-se. Quizéra já estar ao lado de Martha. Sente-se pesado, torpe.

Quanto tempo perde antes que sua vontade recupere o rythmo do pleno despertar! Mas, depois, continúa como que adormecido, embora se encontre em pé e disposto a sahir. Vive sempre assim, como em sonhos.

No emtanto, Luiz foi um homem forte e lúcido.

Até então, sua saúde foi invejavel. O passado de Luiz foi o de um homem normal. Seu futuro parecia brilhantemente garantido.

Mas, um dia, quando já chegava aos quarenta e cinco annos de idade, conheceu Martha. Suppoz ver nella uma mulher que passa uma aventura sem importancia, a companheira de algumas horas. Martha agarrou-se á vida de Luiz como uma ostra. E começou, então, as discussões, as amarguras, os ciumes, a resignação. Agora Luiz é um vencido.

Martha fez delle outro homem. Outro homem? Não. Fez delle uma sombra, apenas uma sombra. E Luiz só aspira procurar o refugio do somno, só deseja mergulhar nas brumas da inconsciencia. E assim dia a dia, noite a noite sente renovar-se em seu corpo e em sua alma a dilacerante angústia que agita seu somno e martyriza sua vigilia. Luiz se afunda na miseria moral. Elle sabe disso. E não proetsta. Afunda-se apertando amorosamente, furiosamente a pedra que elle mesmo amarrou ao pescoço.

* * *

NESSA manhã, procura Martha na praia. Desde que chegaram áquelle balneario da moda, Martha abandona seu leito quasi todos os dias antes do amanhecer para dar um passeio junto ao mar e banhar-se em companhia de João, o joven secretario de Luiz. João deve muito a Luiz. Deve-lhe tudo o que é. E parece querer dever-lhe ainda mais: por isso lhe rouba sua Martha. Luiz não ignora o proposito de João. Ora! Que importa?

Mas... onde estão? Luiz os chama. Chama, insistentemente, João. Assim saberá onde está Martha.

Um grito longinquo lhe responde. Luiz volta, rápido, a cabeça em direcção ao mar. Hein? Não, não póde ser! Mas, sim, são elles. Pedem soccorro. Afogam-se!

A praia está deserta. Só ha dois banhistas no mar. Dois banhistas que lutam contra a morte: Martha e João. A providencia parece acorrer, uma vez, em auxilio de Luiz.

Que fazer? deixar que elles se afoguem, para recuperar a tranquillidade perdida? Não. Luiz atira-se á agua e chega a tempo para segurar Martha e evitar que ella

De Boussac de Saint-Marc

morra afogada. E consegue, tambem, afastar João, que, livido, quasi morto, se havia abraçado ao corpo da joven. Martha e João esqueciam seu amor, nesse momento trágico. Cada qual estava disposto a sacrificar o outro, para salvar-se!

Livre de João, Martha se prende a Luiz. Este nada com uma só mão. Com a outra mantém fóra da agua a cabeça de João. Bom nadador, não sabe, no emtanto, si poderá chegar á praia com aquella dupla carga. Desfallece. Vae-se esgottando no esforço. Martha percebe-o. E não pensa que ama a João. O amor é um sentimento muito bonito, sim; mas o essencial é viver.

E a infame murmura ao ouvido de Luiz:

— Solta-o...

Sim: pede que Luiz solte João e o deixe afogar-se. Seria facil commetter esse crime. João não póde protestar; já está como morto. Perdeu os sentidos. Para que rebocar penosamente aquelle corpo que talvez seja cadaver, com o risco de afogar Martha e de afogar-se elle proprio? Por que salvar esse homem que não póde inspirar nenhum affecto, nenhuma sympathia a Luiz? Si ainda na vespera Luiz dizia que mataria, sem vacillações, seu secretario!... Ah! Que estúpido é Luiz! E Martha exprime em voz alta seu pensamento:

— Solta-o. Não sejas estúpido!

E ajunta, julgando convencêl-o:

— Si soubesses!...

Si soubesses! Mas Luiz sabe. E não solta aquelle homem. O amor é muito, na vida. Multissimo. Isso pensa Luiz. E pensa, tambem: *Mas o amor não é tudo. Ha outras coisas no mundo.*

O braço de Luiz se ankylosa. O peso de João retarda a entorpece seus movimentos. Luiz bebe agua salgada. Chegará á praia? Oh, sabe muito bem que, para chegar á praia com sua Martha, apenas lhe bastaria soltar o corpo de João! Era só abrir os dedos, e teria livre o outro braço.

Não. Luiz não abre os dedos. Redobra seus esforços. E com impulsos em que parece ir deixando sua propria vida, avança, avança, até ganhar a praia e depositar nella os dois corpos: o de Martha e o de João.

Mas sua missão não terminou. João não se move. Estará morto? Martha, sim, se levantou, e corre ao hotel, para pedir soccorro e aquecer seu corpo ao calor do lume. Luiz dedica suas ultimas energias a vivificar aquelle corpo immovel. Esfrega os braços e o peito de João. Sopra-lhe nos labios seu proprio alento. A principio, com repulsão. Mas, immediatamente se apodera de Luiz uma febre estranha.

Esquece tudo o que o cerca, e só pensa em salvar esse homem.

Quando sente despertar contra seu peito afanoso o coração de João; quando vê que aquella bôcca respira, Luiz lança um grito de triumpho e, extenuado, desmaia sobre o corpo de seu rival resuscitado.

* * *

LUIZ esteve a um passo da morte, mas Martha só se occupou della. Foi João quem, por sua vez, tratou de Luiz, de noite e de dia. Martha ficou espantada da conducta de João.

As mulheres não comprehendem certas subtilezas masculinas. Não admittem que os sentimentos da honra e da gratidão façam sombra ao amor.

(Continúa na pag. seguinte)

Seara alheia

O cinema

Disse-se que a cinematographia era a pintura animada. E' uma definição burlesca. Com igual razão poderia dizer-se que um morto é um vivo que não se move.

Com effeito, a pintura é, por excellencia, immovil. Ha alguns quadros que... fogem dos museus. Ninguem, porem, dirá que viu a admiravel Gioconda bruscamente dar as costas, na sua tela, aos visitantes. De modo que a pintura se deixa de ser immovel deixa de ser pintura. O morto que se move não é um morto. O cinematographo evoca certos elementos da pintura. Mas a pintura, assim "movimentada" deixa de ser cinematographia.

A cinematographia tambem não é uma cultura. E' alguma coisa melhor: é vida esculpida. E não ha mais que sorrir ao verem-se estas estatuas que representam um athleta grego ou uma deusa com uma perna ao ar e outra sem estabilidade e firmeza na terra e que nunca se poderá reunir á companheira. Esforço do artista para dar á sua obra a "illusão" do movimento.

O cinema não gosta de enenjilhados: dá ás suas estatuas vivas o movimento mais simples porque, ao contrario dos theoricos da arte, adora o movimento que desloca as linhas.

Relativamente á architectura, sim rivaliza com vantagem com a architectura da arte.

Realmente; constroem-se para uma pellicula palacios fabulosos, de pura imaginação, concebidos sem nenhum fim de utilidade ou duração, e, por isto mesmo, com mais possibilidade de belleza que os palacios mandados construir para habitação dos homens e para a eternidade. — MARCEL LHÉRBIER.

Epigrammas

Já não desejo a felicidade: a vida é mais nobre e elevada que isto.

*

Toda pessoa de menos de 30 annos, possuindo certo conhecimento da ordem social existente, que não é um revolucionario, é inferior — BERNARD SHAW.

A SALVAÇÃO

(Conclusão)

Martha aconselha a João que deixe Luiz lutar sozinho com sua enfermidade. João não a escuta. E quando Luiz volta á vida, Martha, desgostosa, despeitada, lança este dilemma:

— Escolhe, Luiz: ou elle, ou eu.

Quer que Luiz afaste João. Si o conseguir, estará vingada do secretario que não quiz ouvir seu conselho.

Mas Luiz não responde: não escuta, siquer, as palavras de Martha.

Olha seu secretario, olha-o com outros olhos.

Aquelle rapaz arrependido lhe deve a vida.

Luiz está orgulhoso e commovido. Essa convicção illumina um pouco sua vida, que até então fôra nebulosa e miseravel.

O vento gelado da morte dissipou as nuvens. Luiz prefere crear a destruir. Crear uma amizade nova, a destruil-a.

E extende a mão a João, chamando-o:

— Meu filho!

João estreita aquella mão tremula. Inclina a cabeça. Duas lagrimas deslisam por suas faces.

E Luiz já não vacilla. Diz um dia a Martha.

— Podes ir.

Martha offendida, humilhada, sae daquella casa. Para sempre.

Luiz salvou João da morte physica. Mas João salvou Luiz da morte moral.

Um homem sem sorte...

De Dana Bournet

ERA um axioma entre os membros do Club de Golf de Long Hills que Jimmy Harder era o homem de menos sorte em todo o mundo. Era, tambem, o mais alegre. O bom humor de Jimmy era tão tradicional como sua pouca sorte e tão invariavel como ella. Vi-o perder um campeonato depois de desenvolver um jogo magnifico.... e rir a gargalhadas. Seu riso era genuino. Jimmy era uma dessas rarissimas pessôas que jogam o golf pelo prazer que isso lhes proporciona.

Vivia pelo prazer de viver. Tinha uma linda casa perto do club, uma esposa joven e formosa, dois filhos robustos e um bom emprego na firma Sheldon & Co., correctores da Bolsa de Nova-York. Ganhava um bom ordenado, amava a sua esposa e se approximava, emfim, do ideal da felicidade.

A verdade é que Jimmy era completamente feliz e sua unica preoccupação era sua incapacidade de convencer disso a Margot.

Esta era bonita, deliciosa, adorava a seu marido, era a melhor esposa do mundo, etc. Mas não estava nunca de todo satisfeita dos êxitos de Jimmy. Parecia-lhe que sua constante má sorte era uma falha de seu caracter. O pae de Margot havia sido, e ainda era, o homem de mais sorte do mundo.

"A sorte de papae" era uma lenda em casa dos Harder. Jimmy sabia que nunca poderia ter a esperança de que os deuses do destino a olhassem com igual benevolencia que a seu pae politico.

Quando comprava acções da Bolsa, estas baixavam. Si mandava reservar localidades para o theatro, era certo que estas se encontravam pegadas a uma parede ou atraz de uma columna.

Uma vez, no campo de golf, procurando uma pelota perdida, se atrevêra a recolher um trevo de quatro folhas.... e passára uma semana de cama, por causa de uma infecção. E que fez elle? Riu. Riu a gargalhadas, e o éco de seu riso enchia a casa. Deante de taes casos, Margot não podia deixar de pensar em seu pae.

Elle era tão differente! Tudo quanto emprehendia lhe dava dinheiro ou gloria. Seus triumphos eram a pauta mediante a qual Margot media os modestos êxitos de seu esposo. Debalde Jimmy procurava convencel-a de que a sorte não era precisamente uma virtude. Nem siquer uma benção!

Havia desenvolvido uma philosophia propria em virtude da ausencia della.

(Continúa na pag. seguinte)

Um homem sem sorte...

(Concluido)

— Escuta, querida — disse-lhe uma occasião: — um homem que confia em sua sorte vive sempre angustiado deante do temor de que mude. Nunca tive um verdadeiro golpe de sorte desde que nasci e me dirigi muito bem. Tudo o que tenho conquistei com meu proprio esforço, sem confiar no auxilio da fada madrinha.

— Papae sempre diz — replicou Margot — que a sorte é um signo da força das pessôas que a possuem. Si tens a vontade de vencer, a sorte te ajudará. O mal é que tú estás muito contente.

Jimmy soltou uma gargalhada.

— Então, querida, não achas que tenho razões para estál-o? Tenho-te a ti, aos meninos, temos o dinheiro sufficiente para comer e...

— Mas estás estacionado! Não progrides! Durante todo o anno passado eu te disse mil vezes que pedisses ao velho Sheldon que te incorporasse á firma, e tu não queres fazêl-o!

— Para que precipitar-se? Isso ha de vir, quando for tempo. Por emquanto, somos felizes.

— A felicidade não é tudo na vida. Ha outras coisas...

— Por exemplo?

Margot não encontrou, no momento, a resposta apropriada. Mas pediu aos deuses do destino que fulminassem Jimmy com um raio amavel que o impellisse para a acção. Elle era tão intelligente, tão bom! Só precisava de um pouco de sorte.

E a obteve.

Um sabbado, á tarde, jogando no mesmo campo de golf do club onde sempre jogava, ganhou a partida de um só golpe, coisa realmente extraordinaria, sobretudo para um homem que não se distinguia por um excesso de sorte.

Quando voltou ao edificio do club, era um heróe. Todos os presentes o felicitaram e o velho Sheldon, o chefe da firma em que trabalhava, lhe offereceu um cocktail.

De regresso a sua casa, subiu de quatro em quatro os degráos da escada que conduzia ao dormitorio, onde encontrou Margot lendo uma carta. Correndo para ella, tomou-a nos braços, beijando-a carinhosamente, com um enthusiasmo em que entrava muito da alegria provocada nelle por sua recentemente descoberta bôa sorte.

— Nena! — exclamou. — O velho Sheldon convidou-me para fazer parte da firma! Não achas que isso é maravilhoso?

— Não — respondeu Margot, ternamente, mas com firmeza. — Nada tem de extraordinario. Ganhaste amplamente essa victoria.

Jimmy abriu a bôcca para falar. Mas tornou a fechál-a sem proferir palavra. Nada de extraordinario? Elle só queria ver a cara que ella faria quando lhe contasse o que o velho Sheldon lhe dissera ao formular o convite. "Preciso de um socio com uma sorte como a sua, Jimmy!" E' verdade que sua esposa estava muito longe de acreditar o mesmo acerca de sua bôa sorte. Mas agora havia de se convencer sem a menor sombra de duvida. Porque o facto se afastava por completo do vulgar.

— De que ris? — perguntou Margot.

— De nada. Sinto-me feliz. Eis tudo. Anda depressa, querida!

Mal podia guardar seu segredo. Mas resolveu esperar o momento opportuno para revelál-o. Era muito bom para seu disperdiçado. Esperaria, e no momento culminante do passeio descobril-a, com ar indifferente, que elle era o menino mimado da fortuna. Que pilheria para Margot!

As localidades que adquiriram no theatro não ficavam, como de costume atraz de uma columna. Terminado o espectaculo, foram jantar num restaurante elegante. Margot estava encantada.

Afinal, Jimmy considerou que o grande momento havia chegado. Inclinando-se sobre a mesa, sorriu a Margot.

— Agora que me lembro, querida — disse-lhe: — algo extraordinario occorreu-me esta tarde, no club. Eu estava jogando uma partida de golf, como de costume, quando...

— Oh! — exclamou Margot.

— Que ha?

— Eu sabia que tinha qualquer coisa a contar-te! — respondeu Margot, sorrindo affectuosamente a seu esposo. — Recebi hoje uma carta de papae. Diz que resolveu jogar golf. Que te parece? A primeira vez que jogou ganhou a partida de um só golpe.

Jimmy sentiu um calafrio percorrer-lhe a columna vertebral. Seu rosto reflectiu seu espanto...

E, de repente, deante do assombro de Margot, lançou uma sonora gargalhada...

BANDOLINA

Perfumada a

ROYAL BRIAR

Tonico ideal para fixar e assentar o cabello

A BANDOLINA ATKINSON é um producto tonificante e fixador para o cabello e que se está impondo, em todo o mundo, como o processo ideal para conservação de um penteado perfeito.

A VENDA EM TODO O BRAZIL

UMA ONDULAÇÃO PERMANENTE DA CASA ERITIS

CASA Eritis

TELEPHONES: 2-1313 | 2-2608

RUA URUGUAYANA, 78

Cabelleireiros de Senhoras

TINTURAS

DE CABELLOS

Applicações de Henné e Tinturas em todas as cores desde 25$000

ONDULAÇÃO PERMANENTE POR ESPECIALISTAS, GA-RANTIDA 8 MEZES.

PREÇO RAZOAVEL

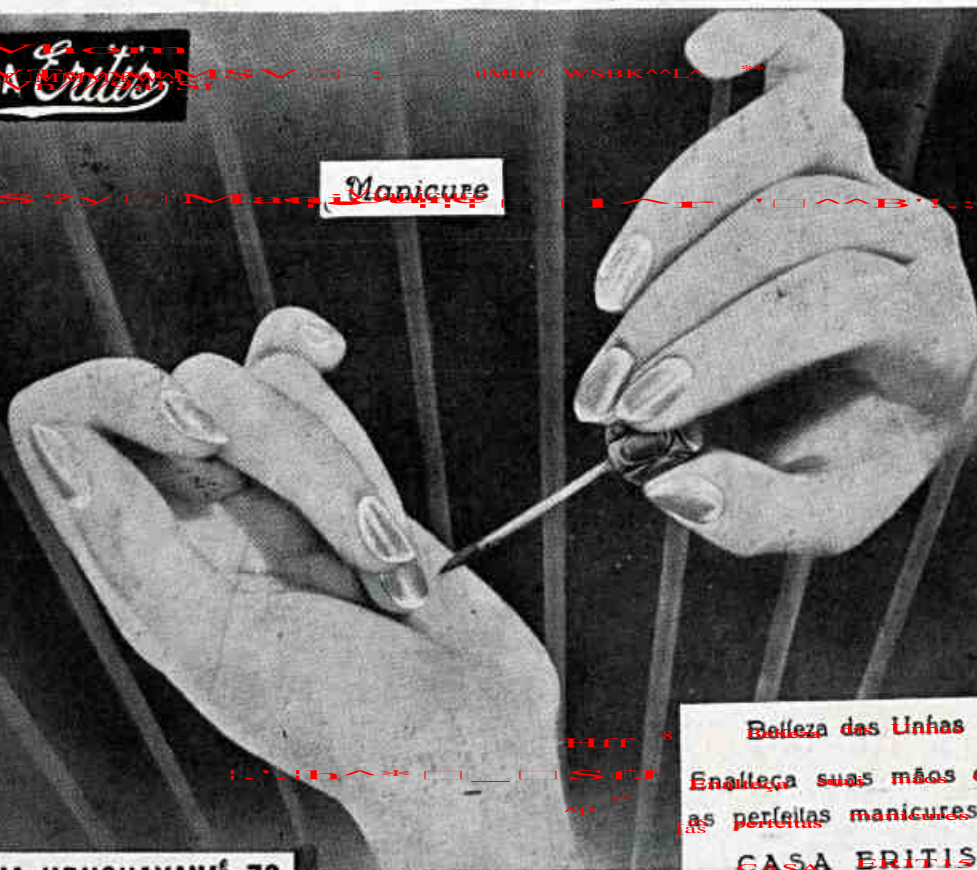
Mise-en-plis.

Ondulações.

Massagens.

Córtes de cabellos

CASA Eritis

Manicure

Belleza das Unhas

Embelleça suas mãos com as perfeitas manicures da

CASA ERITIS

RUA URUGUAYANA, 78

A CASA ERITIS é a mais antiga e a mais importante casa do Rio, no genero.

ANNO XXVI — FON-FON — NUMERO 45

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1932

A tortura da Civilização

GRETA GARBO, ao que referem os jornaes, está a fazer uma estação de solitude numa das pequenas ilhas que pontilham de oasis verdes o dorso liquido e inquieto do Mediterraneo. A lembrança da conhecida estrella cinematographica, á primeira vista parecerá extravagante e bizarra, dando a impressão de uma attitude *pour épater*, de um gesto de simples exhibicionismo de mulher bonita e rica, tão commum nos dominios de Hollywood.

No emtanto, esta attitude de Greta Garbo, que tanto vem dando que fazer á reportagem mundial, mais envolve um acto instinctivo, de defesa e amor á propria vida, que um mero capricho de "estrella" em excursão de recreio.

Porque a linda protagonista de *Romance*, de *Mata Hari* e outros films de sensação assim agindo apenas quiz fugir do convivio das multidões — o que vale dizer do contacto com a Civilização — para "viver", para ter novamente a sensação da vida real e pura, vivida bem proximo das suas fontes primitivas e profundas.

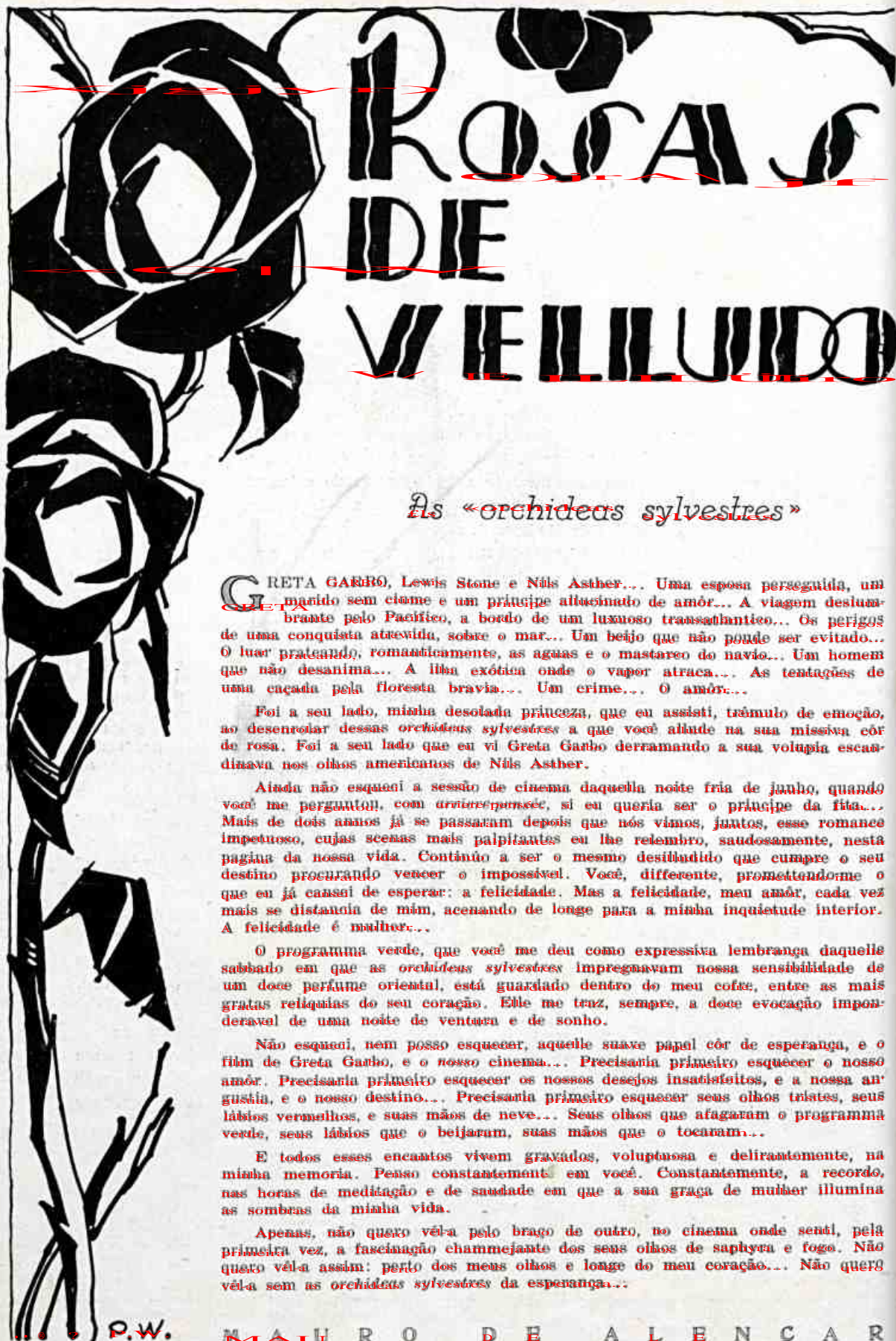
Fugindo á incommoda, exhaustiva curiosidade dos centros cultos da Europa, ao assedio impertinente dos admiradores e reporters, que lhe não davam treguas, para isolar-se de tudo isso uma ilha perdida em pleno Mediterraneo, Greta Garbo obedeceu a um impulso natural, instinctivo, buscando viver a vida lá onde ella ainda é essencia de alegria e de força, rythmo de paz e de quietude, expressão de infinito e de mysterio — em plena natureza.

O peor é que a paz e o repouso desta estação de solidão da querida "estrella" cinematographica estão ameaçados de ser perturbados pela furia de *furos* da reportagem européa, assanhada por esta noticia de sensação, e que busca, por todos os meios, descobrir o pittoresco refugio maritimo da creadora de *Sacrificada*.

Greta, porém, se fôr descoberta, procurará novamente despistál-os, isolando-se num outro recanto paradisiaco, decidida, que está, a viver, por algum tempo, *en nature*.

Estas fugas da civilização são bem symptomaticas e expressivas: evidenciam a necessidade que tem a humanidade de ingressar novamente no ambiente da sua primitiva animalidade, para poder *viver*, para poder sentir *la joie de vivre* em plena natureza, livremente, sem a vertigem, sem a trepidação, sem a continua inquietação da tortura a que a submettem os ambientes artificiaes creados pela sua cultura, pelo seu progresso material, pelo seu *raffinement* espiritual...

Beata solitudo, o sola beatitudo!...

Elcias Lopes

As «orchideas sylvestres»

GRETA GARBO, Lewis Stone e Nils Asther... Uma esposa perseguida, um marido sem ciume e um principe allucinado de amôr... A viagem deslumbrante pelo Pacifico, a bordo de um luxuoso transatlantico... Os perigos de uma conquista atrevida, sobre o mar... Um beijo que não poude ser evitado... O luar prateando, romanticamente, as aguas e o mastareo do navio... Um homem que não desanima... A ilha exótica onde o vapor atraca... As tentações de uma caçada pela floresta bravia... Um crime... O amôr...

Foi a seu lado, minha desolada princeza, que eu assisti, trêmulo de emoção, ao desenrolar dessas *orchideas sylvestres* a que você allude na sua missiva côr de rosa. Foi a seu lado que eu vi Greta Garbo derramando a sua volupia escandinava nos olhos americanos de Nils Asther.

Ainda não esqueci a sessão de cinema daquella noite fria de junho, quando você me perguntou, com *arriere-pensée*, si eu queria ser o principe da fita... Mais de dois annos já se passaram depois que nós vimos, juntos, esse romance impetuoso, cujas scenas mais palpitantes eu lhe relembro, saudosamente, nesta pagina da nossa vida. Continuo a ser o mesmo desilludido que cumpre o seu destino procurando vencer o impossivel. Você, differente, promettendo-me o que eu já cansei de esperar: a felicidade. Mas a felicidade, meu amôr, cada vez mais se distancia de mim, acenando de longe para a minha inquietude interior. A felicidade é mulher...

O programma verde, que você me deu como expressiva lembrança daquelle sabbado em que as *orchideas sylvestres* impregnavam nossa sensibilidade de um doce perfume oriental, está guardado dentro do meu cofre, entre as mais gratas reliquias do seu coração. Elle me traz, sempre, a doce evocação imponderavel de uma noite de ventura e de sonho.

Não esqueci, nem posso esquecer, aquelle suave papel côr de esperança, e o film de Greta Garbo, e o *nosso* cinema... Precisaria primeiro esquecer o nosso amôr. Precisaria primeiro esquecer os nossos desejos insatisfeitos, e a nossa angustia, e o nosso destino... Precisaria primeiro esquecer seus olhos tristes, seus lábios vermelhos, e suas mãos de neve... Seus olhos que afagaram o programma verde, seus lábios que o beijaram, suas mãos que o tocaram...

E todos esses encantos vivem gravados, voluptuosa e delirantemente, na minha memoria. Penso constantemente em você. Constantemente, a recordo, nas horas de meditação e de saudade em que a sua graça de mulher illumina as sombras da minha vida.

Apenas, não quero vêl-a pelo braço de outro, no cinema onde senti, pela primeira vez, a fascinação chammejante dos seus olhos de saphyra e fogo. Não quero vêl-a assim: perto dos meus olhos e longe do meu coração... Não quero vêl-a sem as *orchideas sylvestres* da esperança...

P.W.

MAURO DE ALENCAR

Rendas de espuma

O que penso da mulher

HA factos que só acontecem a certos individuos. Exemplo: um cavalheiro que morre entalado com um garfo, é, positivamente, desastre que não se dá com a generalidade das pessôas. Um outro que tire a sorte grande, quatro ou cinco vezes, tambem não é desastre que occorra a todos os mortaes. (Não esqueçamos que um premio de loteria, em certas mãos, as mais das vezes, é uma verdadeira desgraça).

Ser vencido em Waterloo não acontece, evidentemente, a dois Napoleões.

Eu creio, por esse motivo, que sou predestinado para uns certos casos na vida, que se não verificam, de ordinario, com a maioria dos homens.

As phrases? As phrases femininas? As enquêtes.

Os tests? As tiradas philosophicas?

Quem é dos senhores que tem a predestinação de ser como eu, assediado por ellas?

— Sou uma incomprehendida!

Ou então:

— Os homens são todos iguaes...

Ou ainda:

— Que pensa o sr. do amor?

Dirão naturalmente que tudo isso são logares communs. De accôrdo.

A senhorita Laura Carneiro da Cunha, gentil ornamento de nossa sociedade, que acaba de contractar casamento com o capitão-tenente Levy Penna Aarão Reis.

Plenamente de accôrdo. Mas, é justamente por esse motivo, que me considero um predestinado para ouvil-as.

* * *

Ha dias, alguem me chamou ao telephone. Era voz de mulher. E sabem o que ella desejava? Apenas satisfazer a uma curiosidade: "Que pensa o sr. da mulher? E' melhor ou peor que o homem?"

E' claro que fiquei aturdido. O meu primeiro impulso foi defender o meu sexo. Reflectindo, porém, cheguei á conclusão...

Não! Sejamos francos!

Não cheguei a conclusão de especie alguma.

Ainda agora — vacillo. Não sobre qual seja o melhor, mas sobre qual seja o peor.

Que pensar ?Que dizer?

E' muito interessante, por exemplo, o que diz, sobre nós outros, a notavel mme. de Puisieux.

"Os homens — queixa-se ella — nos induzem a seguir por caminhos errados e, depois, nos recriminam por havermos seguido por elles."

E' possivel. E' explicavel, até certo ponto, que, si as mulheres são más, a culpa cabe, antes, aos homens. Mas, de qualquer modo, a mulher é sempre uma inimiga surda dos meus irmãos de sexo. Ellas não perdem vasa para lhes fazer o mal, uma pequenina maldade que seja. E uma das maiores maldades, certamente, é a amál-os...

Com effeito! Haverá maneira mais definitiva de uma mulher fazer mal a um homem, que não seja pelo amor?

Foi talvez por assim pensar que o philosopho Nietzsche ponderou: "No momento de um cavalheiro acceitar o estado conjugal deve-se-lhe fazer esta pergunta: "Acreditas que possas conversar com essa mulher até a tua velhice?"

Não é facil a resposta. E' mesmo das mais embaraçosas.

O homem. A mulher.

Mas, afinal, só agora reparo que o homem é muito melhor do que as Evas. Mesmo quando um Anatole France assegura: "Os homens têm sido sempre como são agora, mediocremente bons e mediocremente maus..."

Y V E S

Caverna de Ali Babá

PENSAMENTO SUBLIME

Minha alma é como um desses crivos em que os bateadores do Mexico colhem as palhetas do puro metal nas torrentes das Cordilheiras. A areia cáe, o ouro fica. Para que sobrecarregar a memoria com o que não serve para alimentar, encantar ou consolar o coração?...

Lamartine

TRECHOS DUM DESAFIO SERTANEJO

Menino, se eu me zangá
Passo-te a peia no lombo;
Dou tres tapa — são tres queda!
Tres empurrão — são tres tombo!
Se eu puxá por minha faca
Não tem quem te conte os rombos!

Você ficando mais veio,
E ainda arrenovando,
Tornando a nascer dez vez,
Todas dez se baptizando,
Todas dez vindo cantá
Todas dez sai apanhando...

Oreia de abaná fogo,
Cabeça de bate sola,
Pestana de porco ruivo,
Queixada de graviola
Canela de massarico,
Pé de macaco da Angola!

Venta de pão de cruzado,
Bucho de camaleão,
Cara de cachimbo cru
Pescoço de garrafão
Testa de carneiro mócho
Focinho de gato ladrão

Barriga de sôro azêdo
Pé de cancão, mão de gia,
Venta de teia emborcada,
Espinhaço de olaria,
Cara de bolacha dôce
Bôcca de carga vazia.

O JORNALISMO

Uma amiga de Nefftzer, que foi um dos grandes jornalistas do tempo do segundo imperio, em França, disse-lhe um dia que o que preferia nelle era a sua bôa fé.

Nefftzer, vermelho como um pimentão, enfurecido, responde á dama:

— Minha bôa fé! Minha bôa fé! Eu tenho lá bôa fé! Se eu tivesse bôa fé, não podia ser jornalista.

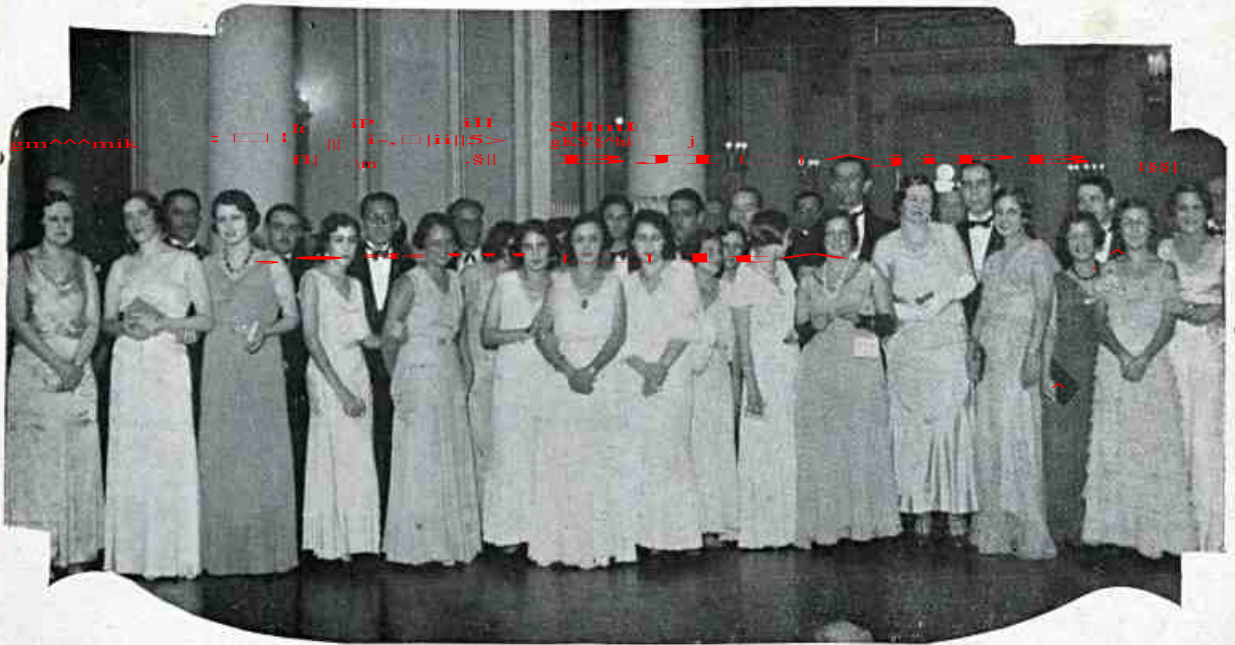
Se a anecdota é verdadeira, só nos resta louvar Nefftzer pela sua grande sinceridade...

SÉSAMO

O nosso distincto patricio, dr. Aaron Ackermann, é um dos jovens medicos da brilhante turma que ultimamente collou grão na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez um curso que lhe deixou assignalados os meritos do espirito e seu devotamento pela nobre profissão que abraçou.

(Photos Annunciato)

O dr. Heliodoro Osborne da Costa, que pertence a illustre familia radicada nesta capital, é um dos brilhantes elementos da turma de 1932 da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez um curso que se assignalou pelos mais bellos triumphos escolares.

O dr. José Rodrigues Filho, que durante alguns annos exerceu entre nós a profissão de Jornalista, acaba de se formar em medicina pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, tendo sido um dos alumnos premiados na cadeira de psychiatria do professor Henrique Roxo.

O Automovel Club do Brasil reiniciou quinta-feira penultima a sua temporada de festas, offerecendo, á fina sociedade que frequenta os seus salões aristocraticos, uma «soirée»-dançante, que alcançou o mais rutilante successo mundano, reunindo figuras destacadas da «élite» carioca. A directoria do Automovel Club, representada, nessa festa, pelo seu illustre presidente, dr. Carlos Guinle, e pelo dr. Reynaldo Aragão, procurou cercar da mais fidalga attenção os seus distinctos convidados. O «cliché» acima fixa um grupo de pessôas presentes á «soirée» do Automovel Club.

O Botafogo F. C. festejou, com um grande baile, sabbado ultimo, a victoria das suas côres no campeonato de football da cidade. Foi um acontecimento deslumbrante essa festa do campeão de 1932. A alta sociedade carioca encheu, pelos seus elementos mais representativos, os bellos salões do palacio colonial da avenida Wenceslau Braz, que tiveram assim mais uma das suas grandes noites fulgurantes.

UM POETA-PHILOSOPHO

FELIX PACHECO

***

OS poetas nem sempre deram ao Pensamento o alto e nobre valôr que lhe assignalam os philosophos. Muitos têm acreditado que basta sentir — e traduzir em rythmos a linguagem confusa das emoções. Em 10 poetas, nove, pelo menos, são simples rimadôres de casos spessoaes...

Ora, a Poesia — instrumento universal da sensibilidade humana — merece melhor destino. E os verdadeiros poetas, desde o velho Homero até hoje, são entidades complexas, feixes de nervos e de sonhos, nos quaes o vigôr da idéa e a architectura do raciocinio se alliam á musica do rythmo e á majestade da fórma. Cantam — porque sentem e porque pensam. São trovadôres com alma de Pascal... Rouxinoes que disfarçam, com a garganta de ouro, as inquietações philosophicas de um Descartes...

E esse é o verdadeiro sentido da Poesia, uma vez que a arte, visando a Belleza, não prescinde da Verdade — de que é o esplendôr, no forte dizer de Platão... O "Penseur", de Rodin, por exemplo, é uma obra de arte que resume, em bronze, todo um tratado de Logica... Um crepusculo á beira mar (simples exercicio pictural de Deus com a materia prima do Sol...) póde ter mais sabedoria do que a "Imitação de Christo"...

Jornalista, ensaista, historiographo, parlamentar, homem de Estado — Felix Pacheco nunca deixou de ser, através da larga e fulgurante esteira de sua vida, um Poeta. O amôr á Belleza é, mesmo, o traço fundamental da sua existencia e da sua obra. Estou em que mais depressa se despojaria de suas laureas academicas e politicas, do que dos seus versos. Suas primeiras actividades no mundo literario do Rio visaram, a um tempo, o jornalismo e a poesia. Apprendeu, com José do Patrocinio, a manejar a clave da penna e, com Bilac, a scismar na luz das estrellas e na musica das espheras.

Encontrei alguns dos seus primeiros versos em revistas cariocas e, quando, pela primeira vez, os piauhyenses lhe delegaram poderes á Camara Federal, havia, no banquete com que o homenagearam, quasi tantos trovadôres quanto politicos, e cultores das Musas quanto estudiosos da Sociologia...

Agora, no zenith da existencia, Felix Pacheco resolve juntar os seus versos — como o jardineiro que, ao cahir da tarde, colhe as flôres mais bellas do seu jardim, e as enfeixa num só e formoso ramalhete. As suas "Poesias" são uma mão cheia de rosas, das muitas com que o artista floriu a propria vida, enchendo de gratos perfumes a intimidade do seu lar e o trato dos seus amigos.

Alguns desses sonetos são dos mais bellos destes ultimos 30 annos, na literatura poetica do Brasil. "Extranhas lagrimas" é um sonêto-indice, um ponto de referencia da alta sensibilidade artistica de Felix Pacheco. "Fatalidade" é um primor de inspiração! "Padroeira excelsa", uma maravilha de technica.

Leiamos, apenas, "A grande Musa", visto que a angustia do espaço ainda se torna maior em face do muito que haveria que respigar e transcrever, na farta seára destas "Poesias":

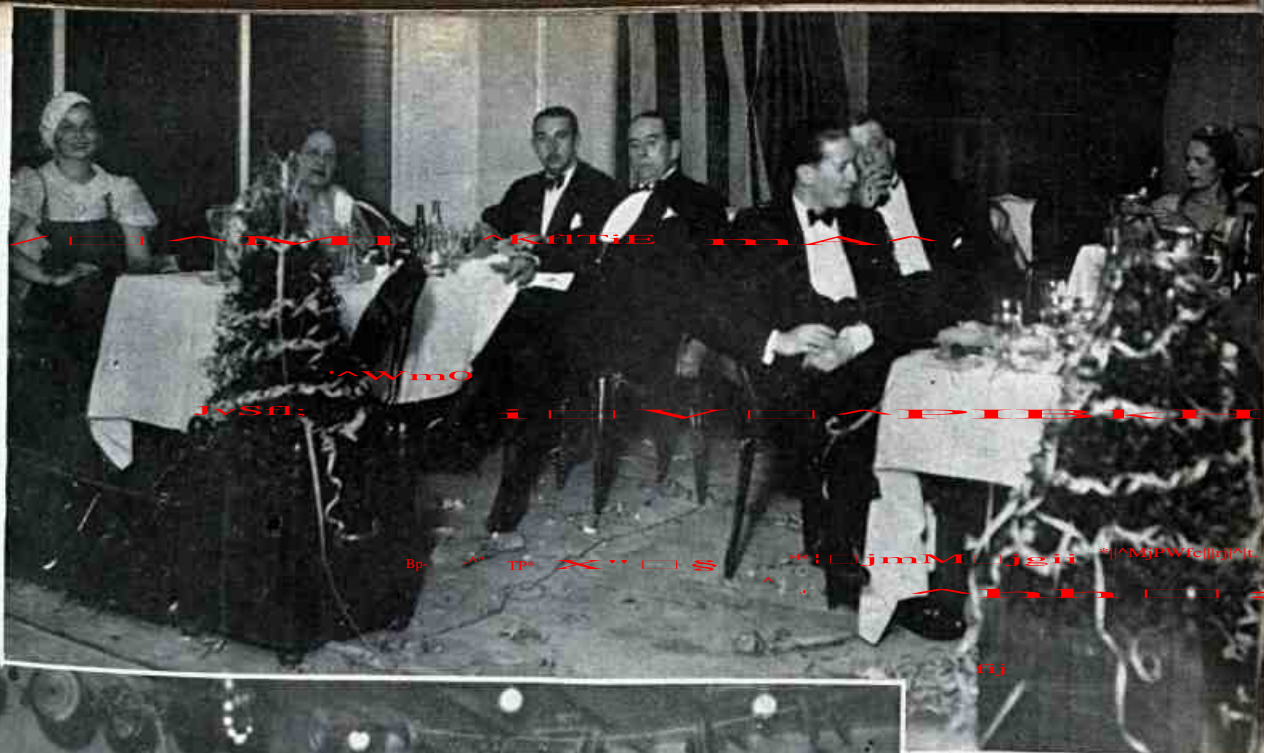
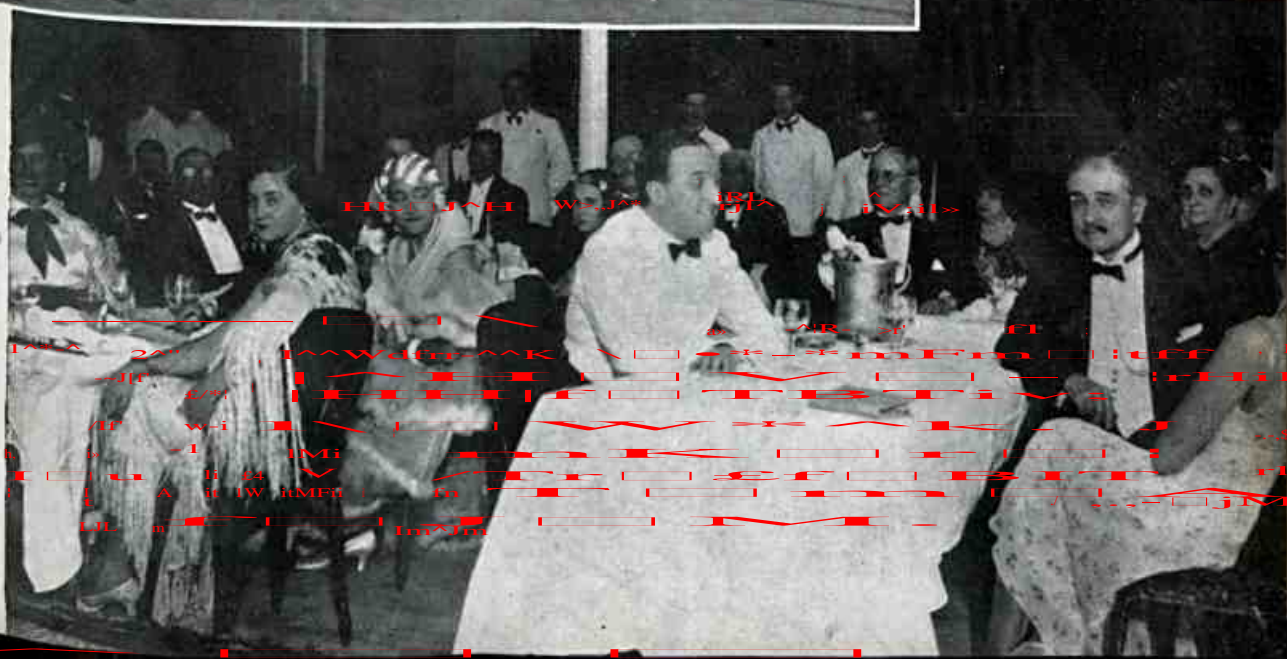
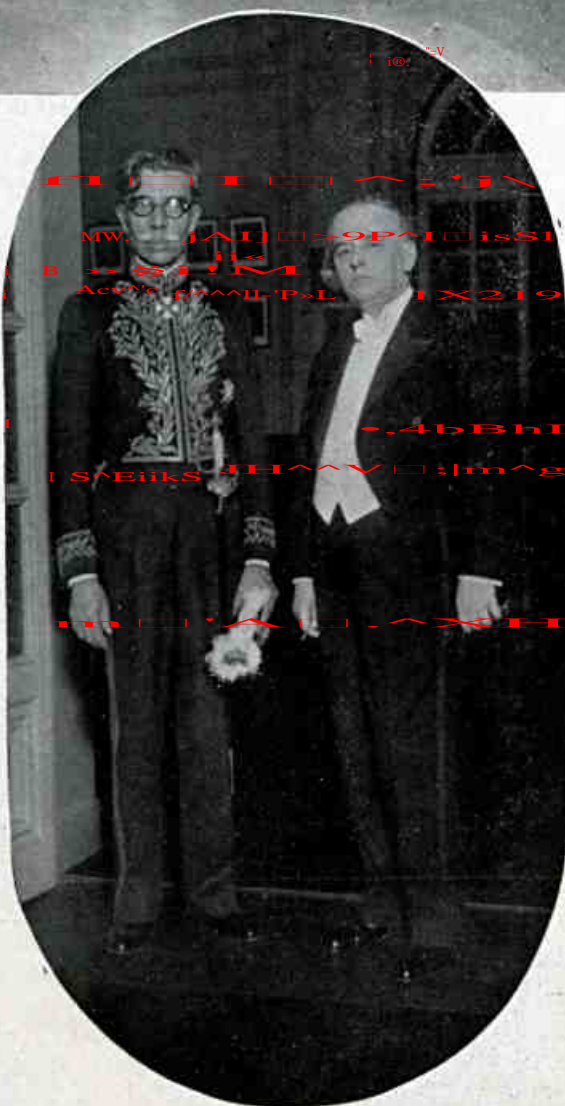
Mais heróica e mais sabia que Minerva,
Cheia de grande amôr que vence tudo,
E's o formoso e constelado escudo
Que contra os grandes golpes me preserva!

Ruja e esbraveja o temporal sanhudo
E erga-se em furia e brados a caterva,
Comtigo, ó minha dona e minha serva,
Não me perco jamais e não me illudo!

Se acaso alguma vez tremo e vacillo,
Procuro logo o teu olhar tranquillo,
E de novo me sinto alegre e forte.

Força, luz e saber contra o perigo,
Salvé, Pallas augusta, eu te bemdigo,
Vencedôra dos tempos e da morte!

Ainda não se fez a Felix Pacheco, no Brasil, a justiça que elle verdadeiramente merece. Felix subiu muito, e depressa, para poder ser visto pelos olhos estranhos sem as lamentaveis ophtalmias da inveja. Varias são as faces em que lhe brilham o raro engenho e a forte cultura. Mas, o jornalista, o escriptor, o polemista, o deputado, o senador, o estadista encontram no excellente Poeta que elle sempre foi, o segrêdo dos seus triumphos e o verdadeiro sentido da sua vida.

B E R I L O N E V E S

Flagrantes do baile á fantasia realizado a bordo do «L'Atlantique», durante a sua ultima travessia do Atlantico. Foi uma festa deslumbrante, que movimentou risonhamente os lindos salões do luxuoso palacio fluctuante.

Sabbado á noite, a Academia Brasileira de Letras recebeu, em sessão solenne, o seu novo membro, recentemente eleito, sr. Gregorio da Fonseca, que tomou posse da cadeira de que é patrono Maciel Monteiro, e occupada anteriormente pelo marechal Dantas Barreto. Fez o discurso de saudação ao novo academico o sr. Alcides Maya, que fallou com eloquencia e fulgor. O sr. Gregorio da Fonseca produziu uma oração de expressiva belleza, que realçou brilhantemente os meritos do formoso estylista que elle é. A festa de recepção do sr. Gregorio da Fonseca, na Academia Brasileira, teve o comparecimento das mais altas figuras da administração, a começar pelo chefe do governo provisorio, que se fez acompanhar da exma. senhora Getulio Vargas. A nossa pagina focaliza dois detalhes dessa solennidade, vendo-se, no primeiro, o recipiendario ladeado pelo dr. Getulio Vargas e pelo presidente da Academia Brasileira, dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON, e entre as demais autoridades e outros academicos presentes. Na outra photographia apparece o sr. Gregorio da Fonseca em companhia do sr. Alcides Maya.

O "GARDEN-PARTY" DE AMANHÃ, NOS JARDINS DO FLUMINENSE F. CLUB

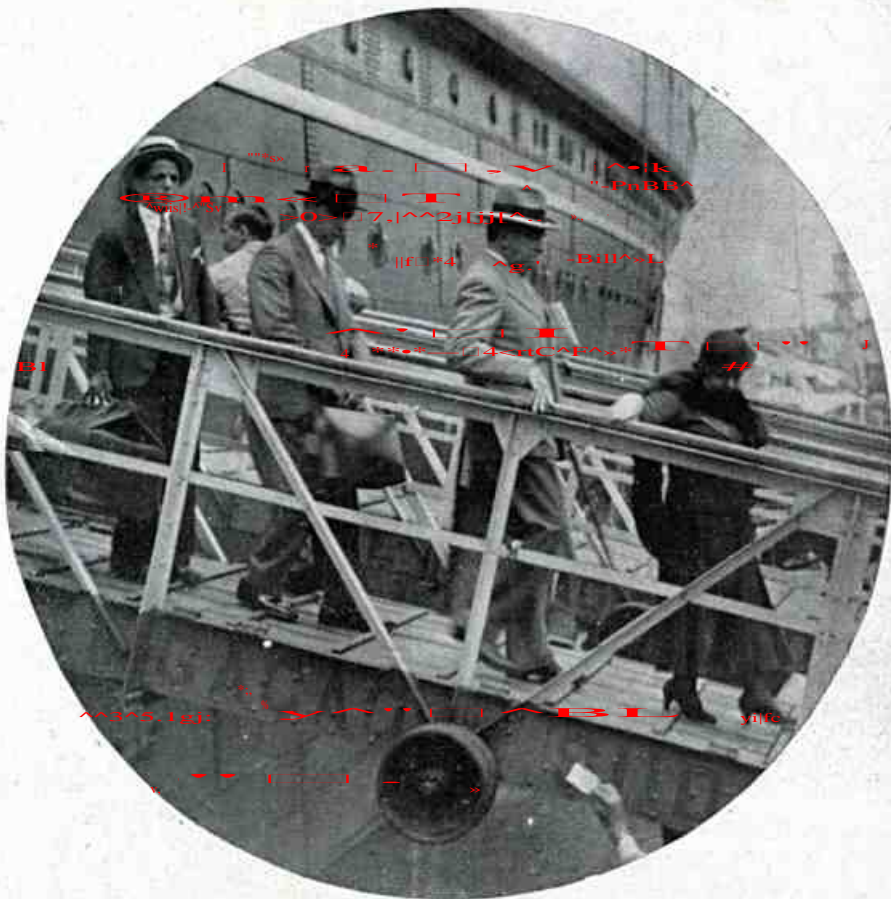
A linda festa que um grupo de senhoras do nosso escól social fará realizar amanhã, nos jardins do Fluminense F. Club, em beneficio da Associação dos Anjos da Caridade, promette incorporar-se aos acontecimentos sociaes da presente estação, como um dos mais elegantes. O programma, cheio de attractivos interessantes, conta um numero de grande sensação, que será um jogo de damas ao vivo, constituindo as pedras senhorinhas e rapazes da alta sociedade carioca. A' luz dos reflectores, Klara Korte exhibirá, em bailados clássicos, algumas das suas melhores alumnas, emquanto que figurarão, na parte artística, Procopio Ferreira, Lamartine Babo, Jorge Fernandes, Olgarita del Amico, Dalila Geraldo e outros. Os jardins do Fluminense F. C. apresentarão aspecto encantador, com centenas de mêsas distribuidas pelas suas alamedas. Essa festa será abrilhantada por varias bandas de musica e a magnífica orchestra do "Grill" do Copacabana Palace. A partida de damas terá logar num dos

(Cont. na pag. seguinte)

O REGRESSO DO DIRECTOR DE «FON-FON»

Após uma excursão de alguns mezes, pelo Velho Mundo, regressou a esta capital o nosso prezado e illustre director, sr. Sérgio Silva. O nosso amigo e chefe, que veiu acompanhado de sua exma. senhora, mme. Ada Sérgio Silva e do seu joven filho André Sérgio Silva, viajou a bordo do transatlantico francez «L'Atlantique», tendo-se realizado o seu desembarque, domingo ultimo, pela manhã, no Cáes de Mauá.

Muitas foram as pessôas que alli compareceram, para lhe apresentar os votos de feliz regresso, notando-se, entre os presentes, jornalistas, figuras do alto commercio, amigos e admiradores do casal Sérgio Silva. A mme. Ada foram offerecidas varias «corbeilles» de flores naturaes.

O «clichê» ao lado focaliza um instantaneo do desembarque do director de FON-FON, quando o casal Sergio Silva descia a escada do «L'Atlantique».

«courts» de tennis, convenientemente adaptado, e será disputada entre os srs. dr. Anysio de Sá, director social do Fluminense, e Luiz Pereira, director de xadrez do mesmo club.

A commissão organizadora compõe-se das exmas. senhoras: Abreu Fialho, Adolpho del Vecchio, Alfredo Russell, Alvaro Pereira, Americo Ludolf, Américo Silva Pinto, Anysio de Sá, Antônio Leão Velloso, Armando Carvalho Lima, Dyonisio Cerqueira, Edmundo Miranda Jordão, Francisco Simonsen Filho, Francisco Pinheiro Guimarães, Henrique Ferreira de Carvalho, Hugo Napoleão, José Vieira de Castro, J. J. Velho da Silva, Joaquim Motta, Joaquim Nicolau, Marcos Carneiro de Mendonça, Miguel Monte, Oscar da Costa, Paulo da Costa Azevedo, Raul Gomes de Mattos, Ricardo Xavier da Silveira, Salvador Pinto, Sylvio Abreu Fialho e Zopyro Goulart.

A nota elegante da ultima semana foi o casamento da senhorita Maria Luz Bernardez, filha do antigo ministro plenipotenciario do Uruguay dr. Manuel Bernardez e da senhora Carmen Martinez Thedy Bernardez, com o sr. Luciano Marino Crespi, de distincta familia da nossa sociedade. E' um detalhe da cerimonia religiosa, que se realizou na igreja de Santo Ignacio, em Botafogo, e foi celebrada pelo nuncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella, o que focaliza o «clichê» acima, no qual apparecem os noivos, seus paes e padrinhos.

Quem casa, nem sempre quer casa...

De Ada Macaggi

ESPECIAL PARA "FON-FON"

A minha amiga veiu para junto de mim com o ar mais prazenteiro deste mundo:

— Quero que sejas minha madrinha de casamento amanhã.

— Como pilheria, não é das peores.

— Nada de pilheria. Caso-me amanhã. Está tudo prompto. Papeis, um pequeno enxoval de emergencia, um almoço intimo, um noivo escolhido e uma viagem de nupcias.

— Mas ha dez dias falei comtigo e nada me disseste...

— Porque a minha resolução data de nove dias, justamente. Meu noivo é advogado e conseguiu aprompţar todos os papeis em pouco tempo.

— E... e... quem é elle?

— Uma amizade nova do mano. Bacharel, vinte e cinco annos, começo de vida, pequena clientela, alguns magros contos de reis no Banco. De resto, um typo banalissimo. Conheço-o ha quinze dias.

— Foi amôr á primeira vista?

— Julgas-me tão romantica?

— Com um typo banal, assim, e sem fortuna, só amôr, e dos perigosos.

— Atrazada!

— Não gostas delle, então?

— Nem um pouquinho.

— Offerece-te uma posição brilhante na sociedade?

— Nada melhor do que a que meu pae me dá com seus galões de major.

— Leva-te a viajar, ao menos...

— Levo-o eu a elle, ou antes, nós nos levamos mutuamente.

— ???

— Sem mim, elle não conseguiria viajar. E eu sem elle tambem nunca chegaria a conhecer a bella Italia. E, minha amiga, setenta por cento de abatimento nas passagens não são para desprezar!

— Ah! Então o teu casamento tem **relação** com...

— Sim, senhora. Com os setenta por cento de vida não te der setenta por cento de abatimento nos desencantos de uma intimidade conjugal sem amôr?

— Não quero pensar nisso. Confio no destino. Si o casamento é uma loteria, para que anteci-

Aimée Abraamora, a festejada bailarina e cantora que no proximo dia 8 se apresentará ao nosso publico, no theatro Municipal.

abatimento que o governo italiano dá no preço das passagens a todos os recem-casados que quizeram passar a lua de mel na Italia. Imagina! Daqui até Roma, meu sonho dourado, pelo infimo preço de aturar um marido de ultima hora!

— E elle se casa comtigo pelo mesmo motivo?

— Naturalmente! Pois si foi elle quem me fez essa excellente proposta!

— Excellente! E si a par o premio sendo esse premio o amôr?

— E si o bilhete for branco?

— Que madrinha pessimista! Para longe o azar! Ouve cá. Crês que um casamento realizado sob tão bellos auspicios, uma viagem á Italia, á Italia que eu amei com Montalvão, coroada de rosas, que eu palmilho c m D'Annunzio, sempre maravilhado, crês que esse casamento possa ser infeliz?

— Eu não repousaria o meu futuro, as minhas illusões de moça numa simples viagem bonita.

— Ora! Nós dois somos jovens, brancos, bem educados, com bôa saúde. Temos ambos infinita séde de de viajar. Pobres que somos, não poderiamos matar essa sêde a não ser por esta excepcional occasião que se apresenta. Casamo-nos, eis tudo resolvido. Bemdito seja o governo italiano!

— E teus paes?

— Estão encantados, não tanto pela viagem, mas pelo casamento. Bem sabes que tenho vinte e tres annos.

— Mas não te disseram nada, não procuraram fazer-te ver os riscos de tal resolução para o teu futuro?

— E's a primeira pessôa que usa commigo essa ranzinzice.

— Então casas-te mesmo amanhã?

— A's nove e meia. Para embarcar pelo *Giulio Cesare* ás quatro horas da tarde. Posso contar comtigo para madrinha?

— Certamente, querida!

— Então até amanhã, na Pretoria.

A minha amiga despediu-se de mim, alegre, radiosa, os olhos brilhantes de contentamento.

E eu fiquei a reflectir nesse seu caso, que, afinal, não é tão estraordinario como a principio me parecêra.

Quanta gente, como a minha amiga, não se casará pelo simples prazer de viajar, animada por essa facilidade que o governo italiano offerece!

E que alcance extraordinario tem esse acto do sr. Mussolini! Incentivando o turismo em seu paiz, elle fomenta no mundo inteiro o sacratissimo sacramento do matrimonio e sua infallivel consequencia: o augmento da população.

Teria previsto esse formidavel resultado a esclarecida visão do Duce?

«FON-FON» EM PARIS

Na igreja da Madeleine, em Paris, o nosso illustre compatriota, conego Hygino de Campos, celebrou, a 26 de outubro proximo passado, uma missa em suffragio da alma dos patricios que tombaram nos campos de luta da ultima revolução brasileira. A essa tocante e commovedora cerimonia religiosa compareceram o que de mais representativo tem a colonia brasileira ali domiciliada, bem como varias altas autoridades francezas e figuras de destaque da sociedade parisiense. A reportagem photographica de FON-FON em Paris conseguiu focalizar alguns aspectos dessa solennidade, vendo-se o embaixador Souza Dantas em palestra com o conego Hygino de Campos e muitas das personalidades presentes ao acto religioso.

(Photographias do Serviço Especial de FON - FON em Paris).

Um grupo de medicos francezes que tomaram parte no Congresso Internacional de Lithiase Biliar, ultimamente reunido em Vichy.

A MULHER CHIC

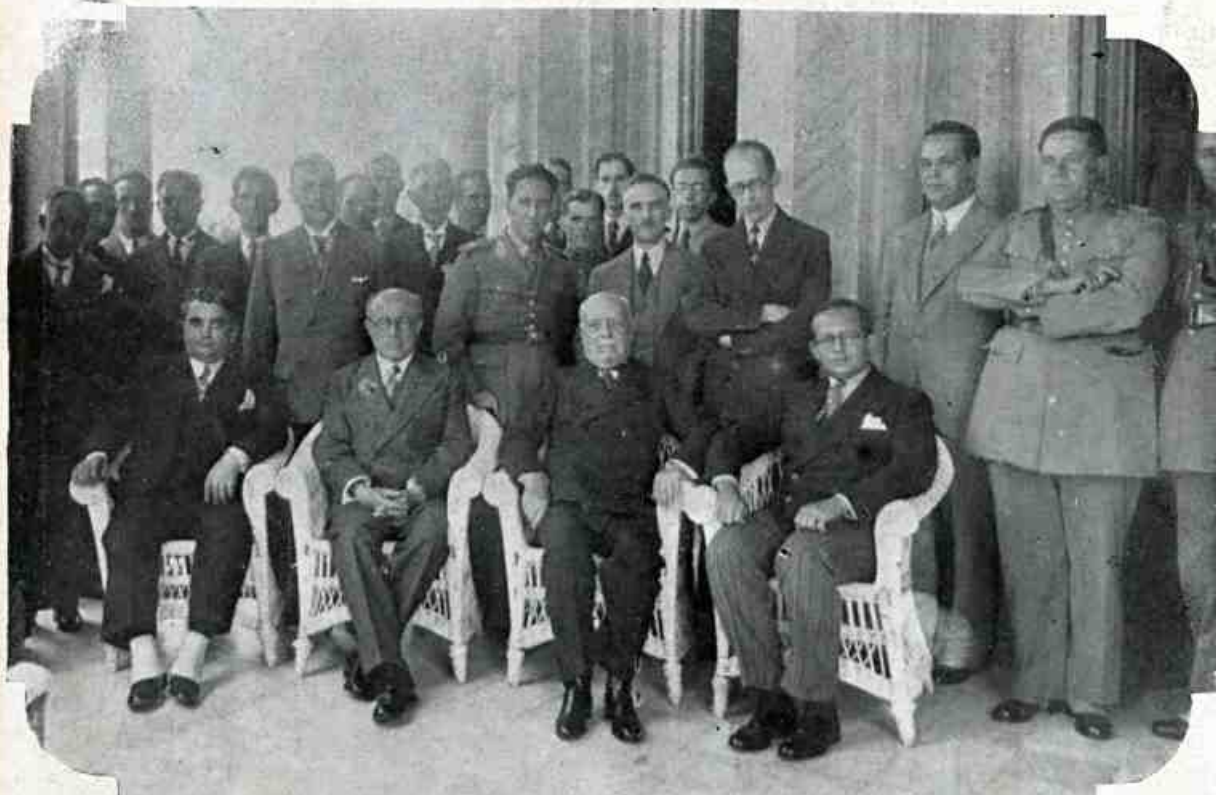
creações JEAN PATOU

Cloche de feutr rouge foncé.

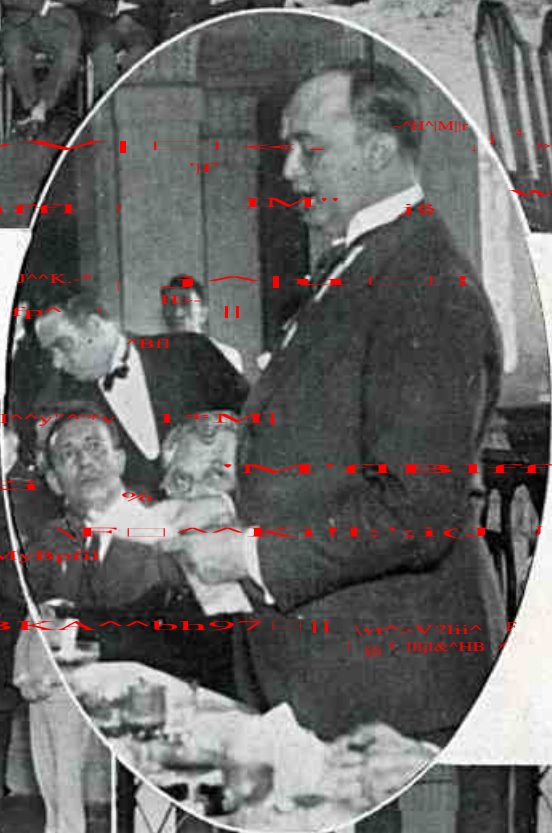
Sweater jersey fantaisie 3 tons de bleu. Jupe et ceinture marine.

Ensemble marine et bleu lin. Robe en satin impérial. Jaquette en toile. Chapeau de paille, ruban gros grain.

Robe blanche en micromaille.

(Photos da Casa Jean Patou, especiaes para FON - FON).

O ministro da Educação, dr. Washington Pires, e o interventor federal na Bahia, tenente Juracy Magalhães, que se acham em visita á capital mineira, foram, alli, homenageados pelo presidente do Estado, dr. Olegario Maciel, que lhes offereceu um almoço no Palacio da Liberdade, onde foi tomado este grupo.

A Força Publica do Estado de Minas Geraes offereceu, no Automovel Club de Bello Horizonte, um banquete em honra do general Christovam Barcellos, que se vê no grupo, antes do agape, ladeado pelo ministro Washington Pires e pelo interventor Juracy Magalhães. A' direita do titular da pasta da Educação, está o secretario do Interior, dr. Gustavo Capanema.

O embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Mello, recebeu, domingo passado, uma nova homenagem dos seus amigos e admiradores desta capital, elementos da colônia portugueza, da imprensa e da sociedade carioca, que offereceram um almoço a s. ex. São aspectos desse ágape o que focaliza a nossa pagina, vendo-se no medalhão o dr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira e redactor-chefe de FON - FON, quando saudava o embaixador Nobre de Mello.

O «Dia do Empregado no Commercio» teve este anno excepcionaes commemorações, por parte das classes trabalhistas desta capital. Além da significação da data de 30 de outubro, teve a destacal-o um acontecimento da maior expressão, para os que mourejam no commercio: a assignatura do decreto das oito horas de trabalho. Entre as solennidades realizadas nesta capital, sobresahiu a manifestação ao chefe do governo provisorio, levada a effeito pelas associações trabalhistas e empregados no commercio. A nossa pagina focaliza os principaes aspectos das cerimonias a que nos referimos. Nos medalhões: o chefe do governo provisorio e o interventor do Districto Federal assignando, respectivamente, o decreto das oito horas de trabalho e o que regulamenta o funccionamento do commercio carioca.

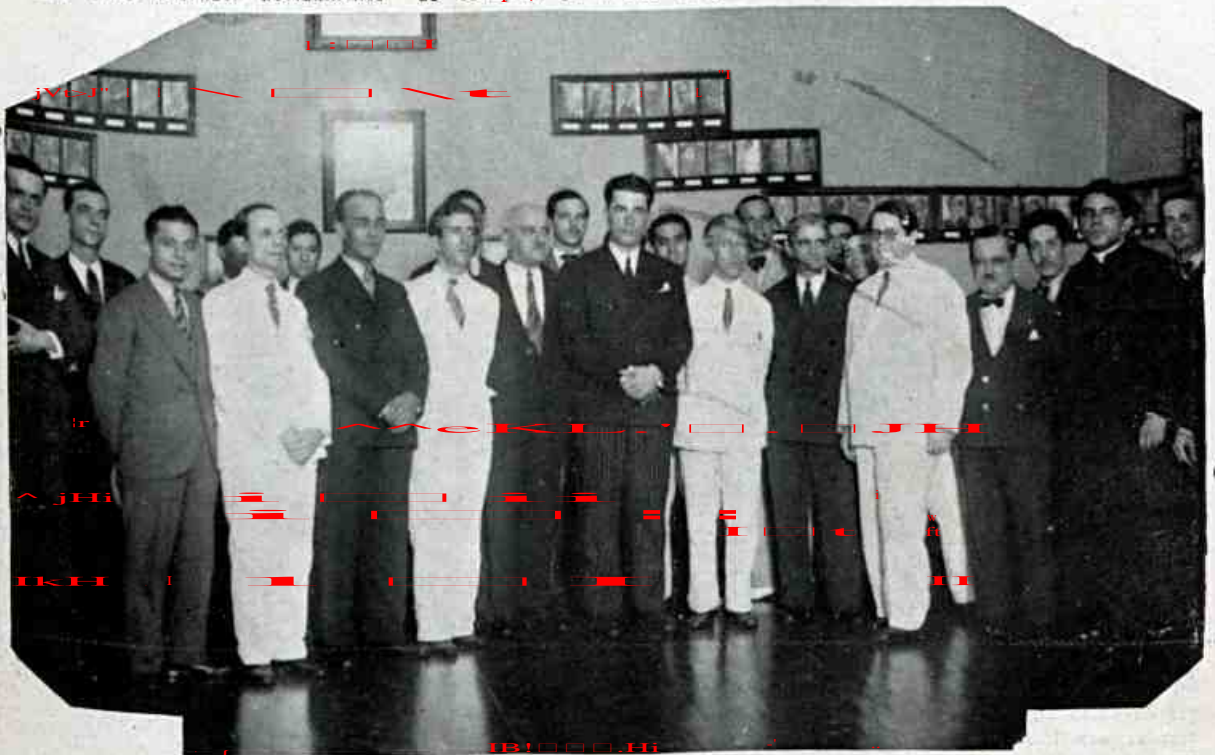
O dia do empregado no commercio

A União dos Empregados do Commercio do Rio de Janeiro commemorou o dia dos seus associados com uma solennidade que se realizou no Palacio das Festas, sabbado á noite, sob a presidencia do sr. ministro do Trabalho e com a presença do general Góes Monteiro, que alli apparece, ao lado do dr. Salgado Filho e directores da U. E. C.

EMPREZA «FON - FON» E «SELECTA» S. A.

AVISO

Esta Empreza, tendo tido denuncia de que indivíduos inescrupulosos, por meio de «truss» pelo telephone e outros expedientes, têem procurado receber contas de nossos distinctos annunciantes, communica aos mesmos e ao commercio em geral que o seu unico cobrador devidamente autorizado é o chefe do nosso serviço de escripta, sr. Pedro Virgilio de Macedo, conceituado e antigo guarda-livros da Empreza FON - FON E SELECTA S. A., o qual, em caso de duvidas, apresentará sua caderneta de identidade.

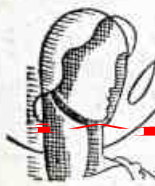
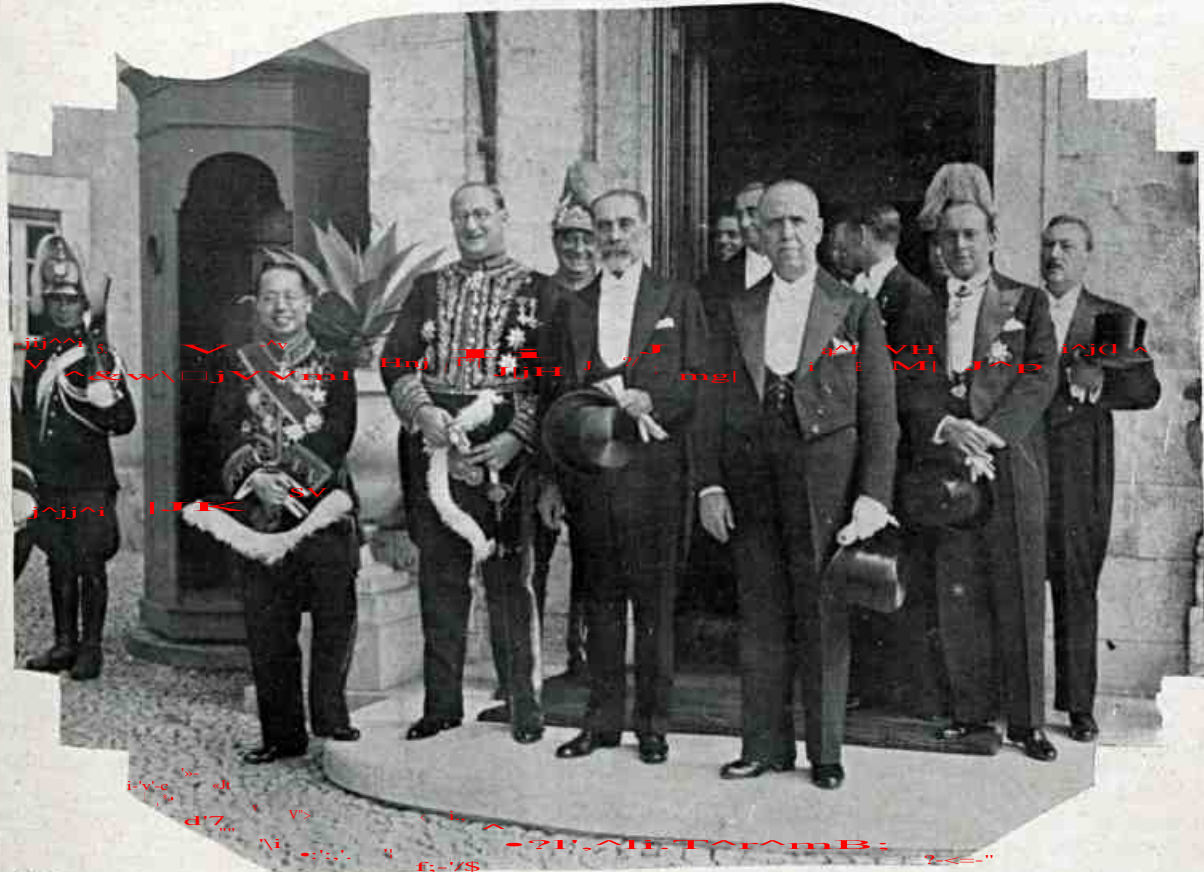
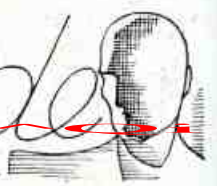
Pedimos, assim, que nossas contas sejam unica e exclusivamente pagas ao mesmo.

Regressando do palacio do Cattete, após a manifestação ao chefe do governo provisorio, a directoria da União dos Empregados do Commercio quiz prestar uma homenagem á imprensa carioca e fez uma visita á séde da A. B. I., na rua do Passeio, onde foi recebida pela directoria e membros do conselho deliberativo da associação dos jornalistas, tendo discursado, nessa occasião, o sr. Amilcar Cardoni e o dr. Herbert Moses.

MARIO PEDERNEIRAS

Mario Pederneiras, o excelso poeta de "Ao léo do Sonho e ao léo da Vida", que tanto fulgor emprestou ás paginas do FON-FON, tem, vivo, na saudade de todos nós e dos que amam as coisas de arte, o culto da sua memória. Mario Pederneiras foi o cantor das simplicidades, das almas ingênuas e tristes, sendo, assim, quem melhor soube fazer o elogio da terra carioca, da sua vida, da sua gente e das suas coisas. O Centro Carioca realizou, sabbado ultimo, uma commovente homenagem á memória do illustre poeta. Nessa occasião, foi collocada uma palma de flores naturaes sobre o tumulo do grande poeta, falando, além do presidente do Centro Carioca, professor Benevenuto Berna, o brilhante escriptor e poeta Horacio Mendes e a senhorita Arlinda Souto, que se vê no instantaneo do medalhão, quando recitava versos de Mario Pederneiras.

MINISTRO ANTONIO BENITEZ
S. ex. o dr. Antonio Benitez, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Hespanha, que acaba de deixar o seu posto junto ao governo brasileiro, tendo regressado ha dias ao seu paiz, teve a gentileza de trazer as suas despedidas a FON-FON.

LUIZ CARLOS

Foi ainda o Centro Carioca que reverenciou a memoria do illustre poeta e academico Luiz Carlos, no 30.º dia de sua morte. Reunidos junto ao tumulo do cantor de «Columnas», no cemiterio de São João Baptista, membros da directoria do Centro Carioca, a familia e varios amigos do poeta ouviram, em tocante recolhimento, o discurso que, em nome daquella sociedade, proferiu, então, a escriptora Rachel Prado, exaltando a vida e a obra de Luiz Carlos.

O ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu, na semana passada, no palacio Itamaraty, um jantar de despedida ao ministro da Hespanha, sr. Antonio Benitez, que acaba de deixar o seu posto nesta capital, para regressar a seu paiz. A homenagem do chanceller brasileiro foi extensiva á exma. esposa do diplomata hespanhol, que tambem se vê no grupo formado pelas pessôas que tomaram parte no ágape.

"FON - FON" EM PORTUGAL

O embaixador do Brasil, dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, deixando o Palacio de Belém, após a ultima recepção alli offerecida ao corpo diplomatico. S. ex. está ladeado pelo ministro da Italia, Barão de Valentino (á direita), e pelo embaixador da Hespanha, don João José Rocha (á esquerda).

Feira de Vaidade

PORTICO

FEIRA DE VAIDADE — mais uma pagina de arte e de elegancia que FON-FON offerece ao nosso grand-monde. *Bazar de Beleza e de Graça, o ambiente que a emmoldura e dynamisa é todo feito de sonho e de encantamento, de fascinação e deslumbramento. Um ambiente de* Mil e Uma Noites, *condicionado pela varinha de condão das mysteriosas* petites fées *bemfazejas que protegem* les belles au bois-dormant *e sempre teem um vestidinho da cor do céo, esplendente de estrellas, e minusculos chapins de oiro e prata para offertar ás sonhadoras* Cendrillons *de todos os tempos...*

Nesta galeria magica de FON-FON, *os palacios de vidro ou de chrystal dos contos de fadas, serão representados pelas montras artisticas, pelas* vitrines *modernas dos grandes emporios de moda que constituem e centralizam a* Feira de Vaidade *da "Cidade Maravilhosa".*

Pagina para ser lida no recanto de perfume e de sonho dos boudoirs *floridos, a secção que hoje inauguramos terá um caracter mais informativo e utilitario que mesmo literario.*

E' um registro de elegancia, com referencia a coisas da Moda e tudo que se lhe relacione.

Assim, nesta pagina, sempre encontrarão as nossas gentilissimas leitoras notas e indicações sobre os ultimos figurinos, sobre chapéos, sobre as ultimas novidades, em soierie, *tecidos finos,* lingerie, *perfumes,* bijouterie, *calçados, etc.*

Emfim, será uma verdadeira Feira de Vaidade *esta "revista" semanal das montras e galerias da "Cidade-Mulher..."*

*

VITRINE

A silhueta moderna, fina e alongada, cuja tendencia para **ainda** mais afinar-se e alongar-se cada dia mais se accentua, constitue um verdadeiro encanto para as pessôas de gosto *raffiné*.

Para conseguil-a, os costureiros subiram as cinturas e os decotes, descendo mais as saias e ajustando-as ás cadeiras.

Os hombros, entretanto, já não são usados com a linha direita e *carrée* e sim ligeiramente cahidos.

*

AS mangas continuam em grande favor, sendo usadas em quasi todos os vestidos — os *habillés* inclusive. Contribuem para realçar o alargamento dos hombros, em contraste com as ancas estreitas, que é uma das principaes caracteristicas da silhueta moderna. Ha uma grande variedade: desde os *volants* em volta dos hombros e as pequenas mangas balão, ás volumosas e *bouffantes* até o cotovello, de onde continuam ajustadas até o punho.

*

OS costureiros promettem uma nova escala de côres. E, das mais modernas, vimos um bello e vistoso conjuncto nas exposições dos *Campos Elyseos*, o grande emporio de *soierie* e tecidos finos da rua 7 de Setembro. Ha em todas as nuances e em diversas qualidades. Crêpes de Rodier, em *Royal bleu* e *vert rationnel*; crêpe Ribouldingue, em branco; phantasias **listradas**, branco e preto, e varias outras creações em tecidos finos e tonalidades modernissimas.

* *

Entre os tons escuros, mas intensos, estão muito em voga, tambem, o azul marinho, tirante a rôxo e o *vert-bouteille*, extremamente **escuro**. Todos os tons de *bruns foncés*: o marron quasi vermelho e um outro bastante amarello nas tonalidades de madeira ou folha morta.

O *bordeaux*, que ainda não foi visto, estará muito em voga.

Nos tons claros, serão empregados os *gréges* e *gris pales*.

*

OS tecidos de linho e algodão acham-se rehabilitados, fazendo *pendant* com as *soieries*, cujas preferidas são as *crêpées* e sem brilho. Ha uma infinita variedade de **tecidos**: *Flamisol*, Crêpe *Matmira*, Crêpe *Olympic*, Crêpe *Korrigan*, Crêpe *Amorosa*, etc.

*

UMA razão... capital e convincente...

E' a que resulta do systema de vendas a credito adoptado pela *A Capital*, cujas vantagens são indiscutiveis. O luxuoso estabelecimento da Avenida, que introduziu no nosso alto commercio de modas o moderno e commodo systema de vendas a credito, com *sorteios de quitação de debitos*, vem, por isso mesmo, realizando vultosos negocios, vendendo a longo prazo, pelo preço de dinheiro, todos os artigos de sua especialidade.

Qualquer pessoa se convencerá dessas vantagens, fazendo uma visita ás deslumbrantes exposições da *A Capital*.

*

OS chapéos pequeninos conseguiram impôr o seu dominio, não só pela facilidade do uso como tambem pela facilidade de execução. Com um *rien du tout* temos verdadeiros *chefs d'oeuvres*, que completam, com uma nota graciosa e distincta, a *toilette* feminina. Nas artisticas vitrines da *Casa Leblon* vimos os mais variados e encantadores modelos em palha e tecidos especiaes de um gosto absolutamente *raffiné*.

*

OS boleros as capas, os *fichus*, contrastando atrevidamente com o *ensemble*, não sómente na côr mas no proprio tecido, dão muita graça e realce á *toilette*.

Os fichus são usados geralmente *drapés*; os boleros continuam muito curtos e ajustados, usando-se mesmo abotoados. Accentuam muito a silhueta e para os vestidos *habillés* são feitos em velludo, *faille*, etc., tendo grandes ou pequenas mangas, volumosas ou ajustadas.

*

A actriz tomára-lhe o coração por completo.

O amor fez delle um homem

(CARNIVAL BOAT)

Da PARAMOUNT — com BILL BOYD
GINGER ROGERS
FRED KOHLER
MARIE PREVOST

JIM GANNON, chefe de um campo de lenhadores, tem na vida dois interesses maximos: a madeira da floresta e seu filho Buck, a quem espera fazer succeder na posição que elle occupa.

O gerente geral da companhia faz uma visita de inspecção ao campo e observa ao velho lenhador que Buck não está correspondendo, nas entregas de madeira, ao que fôra licito esperar. Os outros campos estão em dia com as suas entregas mas assim não acontece com este, o que traz prejuizos á empresa. Jim reconhece a verdade da accusação, mas nada diz a Buck. De qualquer modo, se empenha em promover um córte de proporções sensacionaes, o que permittirá a Buck recommendar-se á attenção da companhia e obter o logar de mais importancia naquelle campo de exploração.

A nomeação de Jim para capataz originou descontentamento entre o pessoal, á frente do qual se põe Hack Logan, contrariando o empenho do velho em obter um supprimento de madeira, de grande vulto. Ao demais, a verdade é que Hack não tanto visa contrariar os desejos de Jim, e sim deixal-o mal visto da gerencia da empreza e vir a tomar-lhe o logar.

Chega um theatro fluctuante, que todos os annos visita o rio, proximo ao campo, e, desobedecendo ás ordens recebidas, os trabalhadores desertam dos seus postos e vão para bordo. Buck acompanha-os, não por espirito de desobedecer ás ordens paternas, mas pelo desejo de tornar a ver a bella estrella da companhia, Honey Burke, por quem se apaixonou desde ha tempo. O velho Jim vae a bordo tambem, censura os trabalhadores pela sua indisciplina, abrangendo na mesma censura Honey, a quem attribue a presença de Burke entre os

O amôr fez delle um homem.

Lis-se uma supplica nos olhos do lenhador.

Conciliador.

desobedientes. Surge um grave resentimento entre pae e filho.

No dia seguinte, o velho Jim dá ordem para que seja movido um trem com um carregamento duplo de toros de madeira. Os trabalhadores, allegando perigo imminente, recusam-se a cumprir-lhe as ordens, mas o velho, embora saiba que os freios do trem estão com defeito, empunha a alavanca da locomotiva e põe-se a caminho. Buck, que se acha do outro lado da montanha, vem a ter conhecimento do perigo que corre seu pae, e, descendo por um cabo com grave risco, para o outro lado do monte, consegue alcançar o trem carregado e salvar o velho.

Reintegrado na consciencia dos seus deveres, Buck assume a chefia do pessoal e anima ao trabalho os lenhadores como jamais ninguem os animára. Elle proprio, Buck, despacha a tarefa de tres homens, de modo que em pouco estão os toros promptos a seguir rio abaixo, e os embarques em dia.

O velho Jim, que agora mal consegue mover-se numa cadeira de rodas, está contentissimo com esse resultado. Succede, porém, que, absorvido pelo seu trabalho, Buck deixou de attender a Honey, que o adora. Offendida, ella vae em visita ao velho Jim, com quem discute o caso, mas afinal retira-se, convencida de que o pae do rapaz e ella jamais chegarão a um accordo relativamente ao futuro do capataz. Honey prometteu partir e casar com Buck logo que termine a estação carnavalesca. A isso, porém, se oppõe terminantemente o velho, allegando que o logar de Buck é na floresta, á frente dos seus homens. Buck está, porém, bem resolvido a não desistir da pequena. O trabalho está concluido e elle está preparado para renunciar ao seu cargo. Abatida Honey com isso tambem não se conformou, e em lagrimas segue para bordo do theatro fluctuante, que deve partir dentro em pouco.

Buck está a ponto de seguil-a quando sôa um apito annunciando perigo. E' o estouro da madeira, agua abaixo! Aleijado como está o velho Jim dirige-se para o local onde teve origem o accidente. Buck corre-lhe no encalço, apanha uma lata de dynamite e vae fazendo o seu caminho por sobre os pesados madeiros, acompanhado do perfido Hack.

(Concl. na pag. 42)

O velho não supportava aquelles amores do filho.

Esbofeteou a mulher que lhe roubou o amôr do marido.

MILLIE

Producção R. K. O

Direcção de:

John Francis Dillon

com

Helen Twelvetrees

Lylyan Tashman

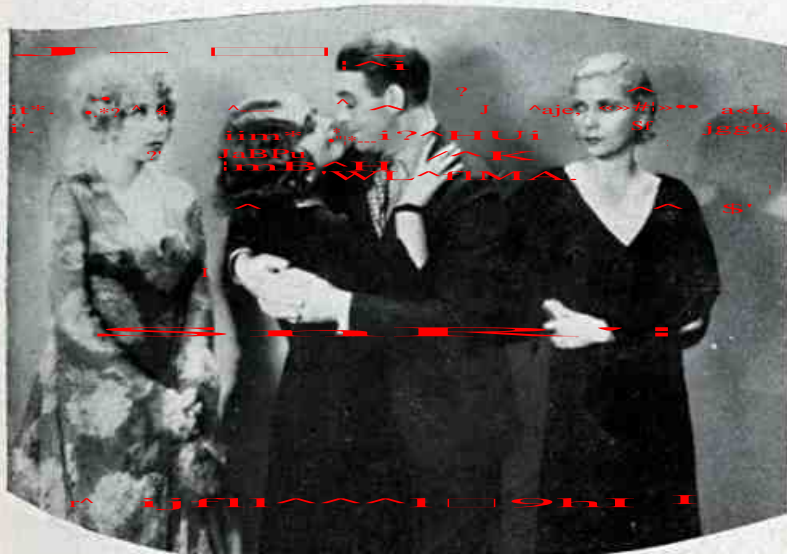
Robert Ames

Joan Blondel

e

John Haliday

MILLIE, flôr de uma cidade do interior, foge com Jack Maitland, estudante, descendente de uma rica familia de Nova-York. Passam a morar na casa da familia do rapaz. Desse amôr, nasce uma filhinha, emquanto os amores entre Jack e a sua antiga amante se renovam sem Millie suspeitar. Millie dirige-se a um cabaret, afim de encontrar a sua amiga Angie, que, com outra pequena, Helena, procurava um passatempo ali, em compa-

O marido estava dançando com outra mulher.

A felicidade que surgia.

nhia de alguns cansados corrcctores. Millie vê o seu marido dançando com outra mulher. Segue-se o divorcio. A filhinha de Millie é deixada com a sua sogra. Millie installa o seu apartamento, trabalha para viver honestamente e decide ser independente e nunca mais se casar. Mas o tempo passa e ella vem a conhecer Tommy, joven jornalista, e são attrahidos um para o outro. A dedicação de Tom dura dois annos e Millie o deixa. Sua filhinha agora já é uma moça. E' mais linda do que Millie. Jimmy Deumier, um rico bilontra e

A alegria do cabaret.

admirador de Millie, sente grande attracção pela filha della. Sob o pretexto de fazer-lhe companhia, quando ella volta da escola, elle a conduz para a sua casa de campo. Millie inteira-se do facto e corre para lá. Encontra-o. Depois vê sua filha. Mata Daumier. Com a ajuda de Tommy, de outros jornalistas e um bom advogado, contra a vontade de Millie, a pequena é levada ao jury, depõe e com isso sua mãe é absolvida.

Millie deixa o tribunal em companhia de sua filha, para uma velhice tranquilla e feliz.

O amor fez delle um homem

(Conclusão)

Buck encontra, afinal, o tôro que impede a marcha dos madeiros rio abaixo, prepara a dynamite para explodir, e está a ponto de se pôr em segurança, quando um dos seus pés fica preso. Não logrando desprender-se, chama por Hack, que faz ouvidos surdos aos seus appellos de soccorro. Um pouco antes de se produzir a explosão, Buck consegue, porém, desvencilhar-se. Emquanto isso, Hack cahira á agua. Buck consegue içá-lo para cima de um madeiro, antes de ser alcançada a comporta. Hack ainda tenta fugir, mas Buck applica-lhe o merecido castigo.

O velho Jim não reprime as gargalhadas, mas Buck não guarda a mesma attitude, pois olha para o navio fluctuante.

Vencido pelo infortunio, não ousa pronunciar palavras, mas desse abatimento o arranca Honey, que não partiu com a *troupe*, permanecendo fiel ao seu amôr.

Lembrando-se de sua filhinha!...

A PARAMOUNT apresenta as grandes SUPER-PRODUCÇÕES DE 1932!

TUDO CONTRA ELA

(THE STRANGE CASE OF CLARA DEANE)

para a genial revelação de

WYNNE GIBSON

A mulher que, velando secretamente por um ente querido não se denunciou jamais, sofreu resignada contente, todas as torturas do inferno!

com

Frances Dee, Pat O'Brien, George Barbier e Dudley Digges

O AMOR FEZ DELE UM HOMEM

(Carnival Boat)

COM BILL BOYD, FRED KOHLER E GINGER ROGERS

Centenas de vidas se arriscaram para dar a este filme os seus momentos agudos de pavor!

RKO-PATHÉ
DISTRIBUIÇÃO PARAMOUNT

Martins de Almeida — BRASIL ERRADO — Dist. Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 6$

COM este livro, Martins de Almeida inscreve-se como um dos melhores valores da literatura post-revolucionaria. Ao leitor deve interessar as razões que levaram o autor a publicar este trabalho.

"Passo a fazer a justificação do que escrevi. Não resisti á pressão das idéas explicativas que me forçaram a apresentá-las. Existe uma certa ordem de pensamentos autoritarios e expansivos que não se contentam em viver naquelas pálidas palavras interiores dos nossos soliloquios.

"Não raro, em logar de pensarmos os nossos pensamentos, são os nossos pensamentos que nos pensam. Atualmente, tenho um profundo respeito pelas idéas que atravessam o meu espirito, embebidas no sentido tragico da vida de hoje. Eu me comporto algumas vezes em relação aos meus pensamentos, como si eles fossem estranhos a mim mesmo.

"E, não raro, tomo partido contra eles. Este meu livro constitue um ato de fé. No fundo de minha conciencia encontrei uma certeza em que repouso o peso de meus pensamentos mais pessimistas. Debruçado sobre a vida brasileira, adquiri uma confiança intima, profunda, da nossa nacionalidade. Confiança de olhos abertos, que se traduz naturalmente hoje em revolta contra o estado de coisas existente. E' este o manual das minhas negações. Nego muito para poder dispôr da possibilidade de afirmar muito mais. E é negando o que não se quer que se chega á afirmação do que se quer.

"Existem, em inumeras passagens destes estudos, convicções amargas e observações crúas e núas que parecem autenticas desilusões. Pura aparencia. Posso garantir que tenho uma fé profunda nestes brasis que ficam debaixo das camadas superpóstas e estratificadas de literatura." O que ficou acima transcripto evidencia a originalidade do pensamento do escriptor. Espirito moderno, cultura generalizada, exposição facil.

São as qualidades predominantes, que apparecem através das paginas deste livro curioso.

A nossa preferencia volta-se para os dois capitulos intitulados: *O latifundio* e *A raça e a terra*.

Reputamos os melhores do livro. Os demais, entretanto, possuem sabor proprio. Escrevendo sobre a Revolução de Outubro, arrisca uma série de conceitos como estes: "Em logar de uma tecnica revolucionaria, o que vimos foi apenas uma mistica revolucionaria. Preoccupados com as combinações faceis de um politiquismo empirico, os que estão hoje á frente dos destinos nacionais (poderiamos dizer — os que estão atrás dos destinos nacionais) não veem as forças profundas do inconciente sociologico da nacionalidade em continua elaboração subterranea e em ininterrupta agitação surda."

O autor nega ou affirma, com certa facilidade... Por isso, o que diz acerca de Ruy Barbosa é um tanto desconcertante.

Vamos convir, entretanto, que existe uma especie de demagogia muito mais perigosa que a de Ruy, a dos *papagaios* das ruas.

Ninguem terá forças bastantes para sustar a marcha das idéas novas que tendem transformar a sociedade nos seus proprios fundamentos. Mas, torna-se necessario comprehender o *sentido* dessas idéas.

A sociologia é uma sciencia (ou arte) difficil. Nós podiamos apontar os erros de visão, e os de apreciação, do autor, porém, preferimos silenciar deante do indiscutivel merito da obra. Martins de Almeida é a revelação de um vigoroso pensador.

Martins Capistrano — NEVROSE — Editor A. Coelho Branco F.º — 1932 — 5$

MAIS um livro de contos de Martins Capistrano, calcado no estylo de *Vertigem*, distinguido com o premio da Academia Brasileira. Neste novo livro, descobre-se de inicio que o autor conserva a mesma linha harmoniosa do seu talento, emprestando aos trabalhos a doçura melancolica, a simplicidade encantadora, emfim os traços caracteristicos da propria personalidade.

Os themas explorados conduzem o leitor para estradas suaves, que são percorridas sem difficuldades maiores, por isso que Martins Capistrano escreve sem affectação de linguagem, sem a preoccupação de armar phrases, pintando com côres adequadas os dramas emotivos da vida.

Os contos de *Nevrose* dão a impressão de que foram colhidos aqui e ali, que a materia prima estava apenas á espera de um espirito de aguda subtileza, para reuni-los em volume.

Flagrantes da vida real, levemente retocados pela imaginação do escriptor, os contos de Martins Capistrano impressionam agradavelmente.

E' um livro destinado a reviver o successo de *Vertigem*, com o qual o autor se apresentou auspiciosamente ao publico.

Mario Poppe

ENFERMIDADE VULGAR

BENJAMIN. — Mas tens coragem de fazer semelhante coisa?

Luis. — Coragem?... Sobra-me!

Benjamin. — Seis annos de noivado!... Essa moça perdeu sua juventude esperando-te, e agora...

Luis. — Olha, olha... Não poetises as coisas. Beatriz esperou... porque não tinha outro á mão... E pensou: "Depois de tanto tempo, Luís não se atreverá a abandonar-me... Ainda que seja só para cumprir a sua palavra, para não ficar mal como cavalheiro, se casará commigo"...

Benjamin. — Que é o que devias fazer...

Luis. — Mas não contava ella que eu ia percebendo muito bem as coisas... A noiva, que a principio era intolerante, ciumenta, aggressiva, que por qualquer coisa me dizia: "Será melhor que não nos tornemos a ver!", se transformou em uma mulher que tudo supportava.

Benjamin. — Porque te amava. São assim quasi todos os homens!... Desprezam a docilidade, o carinho.

Luis. — Eu só os desprezo quando noto que são verdadeiros, que ha atraz delles um motivo, um interesse occulto... O de Beatriz era casar-se, simplesmente... Ella passava por alto qualquer motivo de aborrecimento. Eu arranjava um pretexto para deixar de ir visital-a um dia? "Não importa, querido..." Esquecia-me de alguma data: seu anniversario, por exemplo?... "Que mal ha nisso, amor?..." Eu não dou importancia a essas pequenas coisas..." E no primeiro anno de noivado tivemos um grande desgosto, porque me esqueci de lembrar o anniversario *mensal* de nosso compromisso... Era concebivel *aquillo* depois disso? Não, mil vezes não!

Benjamin (com censura). — E por isso a abandonas?...

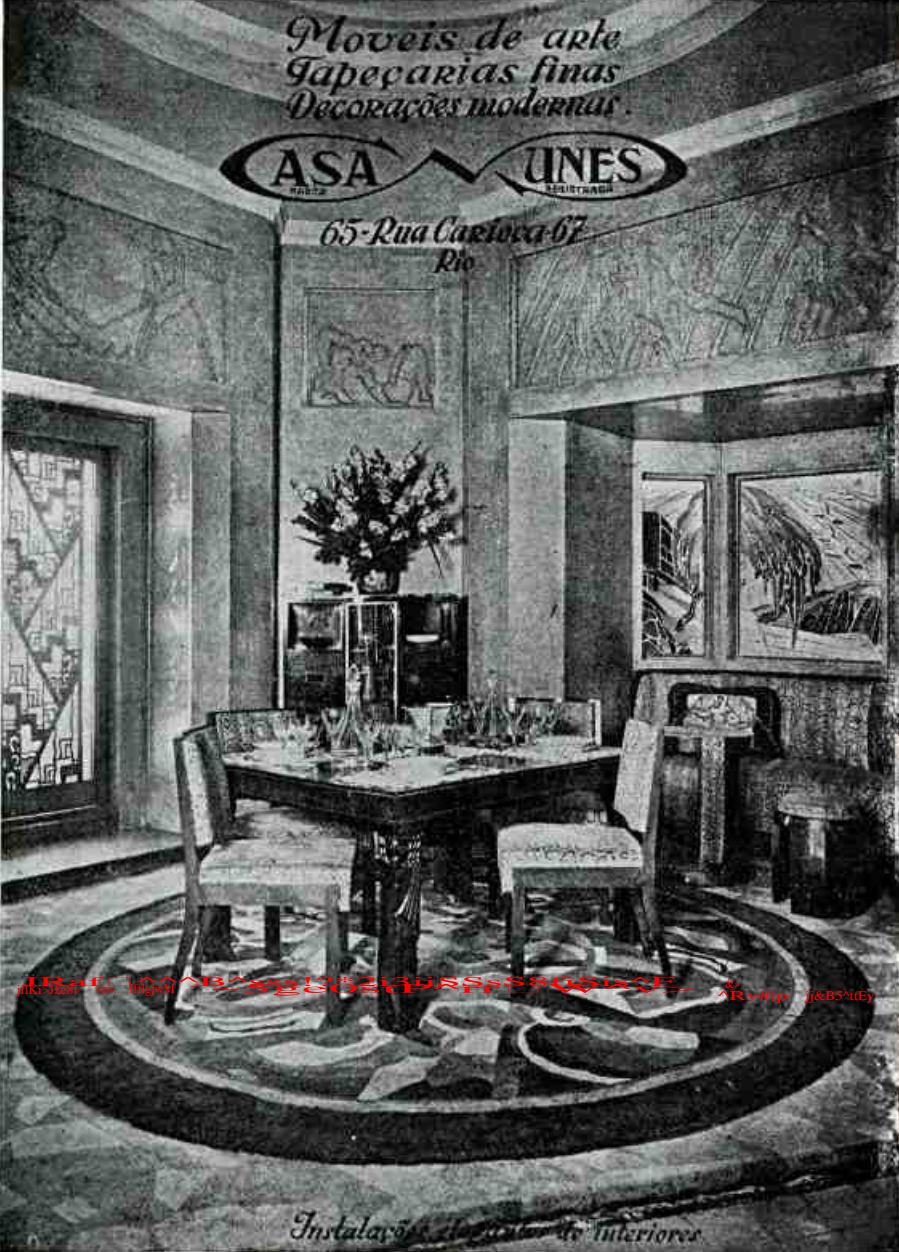
Luis. — Por isso... e por mais alguma coisa. Não nos entendemos.

Benjamin. — Mas não acabas de declarar que ella a tudo te diz sim e amen?... Si não se queixa, si não protesta, é a mulher ideal.

Luis. — Para ti, que és um commodista, incapaz de incommodar-te nem por uma idéa.

Benjamin. — E para todo homem que deseje tranquillidade.

Luis. — E si eu não a desejasse? Porque o verdadeiro amor é luta, aborrecimento, reconciliação...

Benjamin. — Pois bom futuro aguarda a tua esposa!... Não me venhas, para mim, com idéas estranhas... O que occorre é que depois de seis annos, já teu noivado não te sabe a coisa *nova*, pois *estás* aborrecido, farto, e deitas a culpa na pobre Beatriz, como a deitarias ao primeiro que passasse. Estou certo de que já tens em vista outra bôba... Ah!... Pois eu estou resolvido a chamar-lhe a attenção. Hei de dizer-lhe: "Escute, senhorita: este sem vergonha pratica um sport — o do noivado... Não lhe faça caso: Depois de tres ou quatro annos, elle a abandonará, como abandonou a Fulaninha e a Beltraninha..." E si notar que ella não quer me attender, lhe aconselharei a te arranhar, a te morder, a te bater, a te contrariar em tudo, a te dar, emfim, dez desgostos por dia...

(*Cont. na pag. seguinte*)

Poema da agua mansa

A agua mansa
tem a pastura religiosa
de mystica collegial adolescente
vestindo o manto azul da virgem biblica...

A agua mansa
corre com a doçura
languida dumas mãos zelosas,
longas e macias
de amante terna, embevecida...

A agua mansa
tem a embriaguez voluptuosa
de mãos amigas
desfeitas em cinco pontas de afagos,
em suavissimos gestos apaixonados...

Carrega a flôr do corpo harmonioso
a doçura do azul...

E é por medo de perder o céo
que ella carrega,
que vae devagarsinho, mansamente,
toda timidez, toda cuidado...

Todo o seu carinho é temor,
e ella soffre leves arrepios
medrosa de deixar feito em espumas,
nas bordas das praias,
um pouco do seu sonho de céo azul...

E o céo que lhe beija
se estende ciumento
vestindo-lhe o dorso claro de azul...

E a agua corre, vagarosa,
sonhadora, pensativa
sem vagas,
sem espumas,
sem bramidos,
entregue suavemente
tão somente,
ao amante
que do alto desceu
ao seu encontro,
para o Natal de luz e de estrellas...

Figura do meu maior anseio:
meus olhos contemplativos
buscaram tambem sua agua
mansa,
mas vogam, insatisfeitos,
sem conseguirem colorir inteiramente
seu longo dorso caprichoso...

Pedro R. Wayne

ENFERMIDADE VULGAR

(Conclusão)

Benjamin. — E' claro!.... Como nós os homens não envelhecemos, embora tenhas cincoenta annos, sempre acharás alguem que te dê attenção... Mas as mulheres,, depois dos trinta... "Obrigado: não serve!"

Luis. — Sabes o que me acontece?... Não sei o que arranjar para o rompimento... E penso: "Amanhã falarei...:" E chega esse amanhã, e eu me acovardo e retroce do... Que coisa!... Uma noiva devia comprehender quando a gente está farto della, e tomar a iniciativa: abandonar, antes que a abandonem... Assim seriam evitados muitos desgostos. Que diabo! E' preciso ter um pouquinho de dignidade!...

Benjamin. — Sim, sim.... Naturalmente!... Alguem deve têl-a nesse transe!

Luis. — Quá! quá! quá!... Serias capaz de fazer isso?...

Benjamin. — Ora si sou... Sou capaz de fazer tudo para salvar um semelhante... ou uma semelhante...

Luis. — Salvar?... Ella está assim correndo tanto perigo?

Benjamin. — Parece-te pouco?... Ter noivo e não se casar?.... Porque não é tão grave que retrocedas até seis mezes depois... Mas deixares correr o tempo, perdendo-o tú e ella, não está direito!

Luis. — Nunca se perde o tempo nos divertimentos do amor.

Fanfreluche

CAIXA DE SURPREZAS

OS HOMENS VOLTARÃO A USAR BARBA E BIGODE — Segundo a opinião dos directores da Associação Nacional de Barbeiros, de Chicago, não tardará muito em voltarem os homens a adoptar a moda do bigode.

O secretario desta organização J. Byrne declarou que, na recente reunião annual da Associação, foi discutido, entre outros assumptos, o aspecto masculino da mulher, que corta os cabellos como os homens, usa sapatos de salto baixo, chapéos de feltro, etc.

"Em muitos casos é difficil distinguir um homem joven de uma moça moderna — disse o sr. Byrne. Os homens já começam a aborrecer-se e não querem ser imitados pelas mulheres. Portanto, como unico meio de defender-se da intromissão da mulher, nas modas que adoptam, breve voltarão elles a conservar a barba e o bigode. E não é árivel que haja mulheres que queira adoptar tambem semelhante moda — conclue o secretario da Associação de Barbeiros de Chicago.

•

UMA FAMILIA DE CURAS E MONJES — O abbade Charles Reumont, de Wolune-Saint Pierre, em Bruxellas, acaba de celebrar sua primeira missa na igreja parochial.

O novo sacerdote é o mais novo de 13 irmãos, dos quaes 10 ainda vivem. Destes irmãos, 6 consagraram-se a Deus: tres irmãs são freiras e tres irmãos, padres.

O proprio, sr. Reumont, pae, é professor do Collegio S. Miguel, da capital belga, e foi condecorado ultimamente por S. Santidade Pio XI com a cruz *Pro Ecclesia et Pontifice*, como premio de cincoenta annos de trabalhos dedicados ao ensino catholico.

Notas de Arte

SYLVIA MEYER. — Quasi ao encerrar-se, na tarde de 14 de outubro, vimos de relance a exposição da pintora brasileira, srta. Sylvia Meyer, realizada numa das salas do Palace-Hotel.

Entre as tres ou quatro dezenas de trabalhos, sobresahem alguns realmente impressionantes, que merecem registro.

Toda a natureza viva é objecto de idealização da artista patricia: flores e fructos, animaes e homens. Em todas as telas a vida palpita e muitas vezes com intenso vigor. Se nem sempre o desenho se nos afigura de grande relevo, a côr é quasi sempre bella e suggestiva.

Entre os quadros expostos fixamos mais especialmente: *Dahlias roxas*, *Peixes*, os retratos femininos *L. Mello* e *M. Mello*, e, acima de tudo, *Cachorro* — pequenino cão adormecido numa cadeira. E' tal a perfeição deste trabalho, tão completa a imitação do real, que se tem vontade de afagar o animalzinho e despertal-o do somno em que repousa. Parece-nos pode figurar esse quadro ao lado de outras obras-primas do genero, senão pelo valor technico, pela sensibilidade communicativa que della flue.

Se já não fosse, seria agora das nossas melhores poetisas plasticas, a srta. Sylvia Meyer.

UNIÃO ARTISTICA LITERO-MUSICAL — Com o louvabilissimo fim de desenvolver o gosto artistico pela poesia e pela musica, mediante a interpretação de poemas verbaes, e sonoros de poetas brasileiros e estrangeiros, acaba de fundar-se entre nós, por iniciativa da srta. Georgina Dart, a U. A. L. M.

Realizou a nova associação o seu 1.º concerto litero-musical em a noite de 16 de outubro no I. N. M., onde se ouviram os seguintes numeros de musica e poesia, além da allocução inicial pela presidente, srta. Dart, e das palavras intermedias do secretario, sr. João do Nascimento, dizendo ambos do objecto e dos fins da sociedade: pela orchestra, sob a regencia do maestro Arnaldi Gluckmann: — Abertura da op. "Coriolano", de Beethoven; *Peer-Gynt*, suite, op. 46, de E. Grieg; *Fuga em ré menor*, de Newton Padua; *Abertura*, de José Siqueira; *Capriccio*, n. 2, de A. Gluckmann; — pelo violinista, prof. Isaac Feldmann: — 2.º Concerto em ré menor, op. 22, (para violino e orchestra), de Wieniawsky; — pela cantora, prof. Alzira Ribeiro — *Lasciali dir!* e *Il nome di Maria* (versos de Stecchetti) op. 5 de A. Gluckmann, com acompanhamento de orchestra; pela declamadora, srta. Nênê Barukel, as poesias, — *A carta que não mandei* e *Queixa e resposta*, de Guilherme de Almeida, e *Minha terra natal*, de Menotti del Picchia.

Georgette Mayo Remy, joven pianista brasileira, que realizará um recital no proximo dia 10, no Salão Leopoldo Miguez do Instituto Nacional de Musica. A senhorita Georgette Mayo Remy é primeiro premio Medalha de Ouro do mesmo Instituto, tendo sido alumna do saudoso professor Henrique Oswald.

A orchestra sobresahiu em quasi todos os números, notadamente no 2 e 3 da *Suite*, de Grieg: *A morte de Ase* e *Dansa de Anitra*.

A prof. Alzira Ribeiro, que pela 1.ª vez ouvimos, e que dispõe de voz extensa e bem timbrada, mereceu os applausos com que a brindaram, cantando com emoção communicativa principalmente *Il nome di Maria!*

O sr. Isaac Feldmann deu especial realce ao solo de violino; encantou na *Romanza* e enthusiasmou no *Finale a la Zingara* — os dois ultimos tempos do Concerto de Wieniawsky.

A srta. Nênê Barukel estava nos seus melhores dias. Soube dizer com sentimento communicativo e cada vez melhor os tres poemetos de Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia. O auditorio não se cansou de applaudil-a com frequencia e fervor.

Registramos com especial menção as duas composições brasileiras de N. Padua e J. Siqueira, e as allemães, de A. Gluckmann, que a todos causaram magnifica impressão.

Oxalá não se limite a U. A. L. M. a realizar festas recreativas, mas se torne manancial de manifestações verdadeiramente artisticas, onde a musica e a poesia sejam ouvidas através de interpretações cada vez mais perfeiçoadas.

HORA DE ARTE. — Foi das mais agradaveis a que temos assistido, a hora de arte do Botafogo Foot-Ball Club, realizada em a noite de 19 de outubro. Alumnos de canto da sra. Léa Azeredo da Silveira e de piano da sra. Sylvia de Figueiredo Mafra musicalizaram o ambiente do grande salão do Club, repleto de ouvintes.

com mil encantos da arte que cultivam. Registremos os nomes das cantoras e pianistas: Flavita Azeredo da Silveira, Maria Luiza Teixeira, Eleonora Massot, Marieta Lopes de Souza, Olympia Chermont, Dulce Barbosa, Edda Silva, Alba Barcellos (cantoras) — Nadir G. Silva, Déa Castro Barreto, Eunice Valle, Elza Ribeiro, Nilza Valle, Dirce Bustamante, Dora Queiroz, Maria Eugenia Haddock Lobo, Nadille Lacaz de Barros, José Joaquim Pereira Junior, João Lima (pianistas).

Em diversos gráus de estudos, cada qual revelou bastante o aproveitamento adquirido.

Abstrahindo porem dessa natural desegualdade e só attendendo ao gráo de emoção produzida, destacamos as que mais nos impressionaram, e foram as pianistas Elza Ribeiro, na Pastoral e Capricho de Scarlatti, e Nadille Lacaz de Barros, na Rhapsodia, de Donhany; e as cantoras Edda Silva, no Ideale, de Tosti, e no Chant Hindou, de Bemberg, e Alba Barcellos na aria de "Tosca" Vissi d'arte de Puccini e na da "Traviata", Ah! fors' é lui, de Verdi.

E' de toda justiça salientar uma voz de qualidade invulgar, embora servida por uma arte que ainda está longe de corresponder á superioridade da voz. Referimo-nos á sra. Alba Barcellos. Quem possue um órgão vocal, como o da distincta patricia, não deve perdêl-o. E' preciso estudar, estudar muito para tornar-se o que póde ser. Uma notavel, uma grande cantora.

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — Successo artistico e social o 183º concerto da S. C. S., 1.ª de assignatura da temporada deste anno, realizado em a noite de 20 de outubro no T. M., tendo como regente da orchestra o maestro Lorenzo Fernandez e solistas os pianistas Arnaldo Rebello e Roberto Tavares e sendo executado este programma: GLINKA — Ruslan e Ludmilla (Abertura); Mozart — Concerto para dois pianos e orchestra (1.ª audição); Fauré — Suite de Pelléas et Mélisande (1.ª audição), H. Oswald — Paysage (Estudo symphonico, 1.ª audição); L. Fernandez — Imbapara (Poema amerindio).

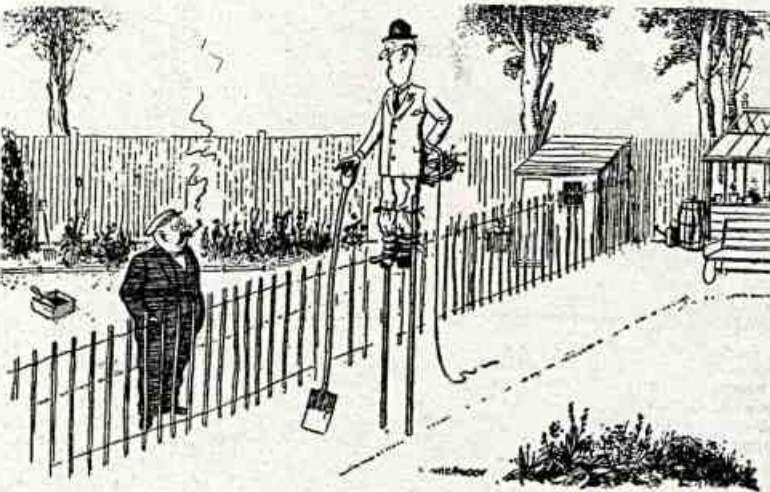
Dizemos ter sido o concerto successo artistico, pelo bom desempenho de todos os instrumentistas e do regente, apesar do máo tempo. O maestro Lorenzo Fernandez regeu com muita segurança e animação; pareceu-nos muitas vezes que a sua batuta tambem tocava...

Os pianistas Arnaldo Rebello, Roberto Tavares, dois valores moços da pianistica brasileira, corresponderam brilhantemente á perfeição da orchestra. Foi de grande poder emotivo a interpretação que deram ao Rondo final do Concerto, tempo que, a instantes palmas do auditorio, foi bisado.

Quanto ás composições em si mesmas, se ao Concerto de Mozart cabe a primazia por ser das mais bellas manifestações do mais encyclopedico dos genios musicaes, se encanta e commove com aquella delicadeza aristocratica, a divina finura dos poemas mozartinos, é de justiça proclamar a belleza lyrica da Suite, de Fauré — pagina tambem profundamente emotiva, que pela sua delicadeza, nos dá impressões mozartinas.

O genio brasileiro não ficou mal ao lado do genio germanico e do genio francez. O estudo symphonico de Oswaldo impressionou bastante pela sua belleza ao mesmo tempo encantadora e severa. E o poema amerindio de L. Fernandez, de inspiração totalmente diversa das que originaram as obras de Mozart, Fauré e Oswaldo, nem por isso deixou de impressionar pela verdade, pela eloquencia com que o compositor traduziu estylizando themas peculiares á musica da selva. O tumulto abracadabrante que caracteriza a dança marcial do ultimo canto do poema, foi de grande, de surprehendente effeito. O publico, sacudido pela violenta sonoridade, palmeou com enthusiasmo e obteve bis.

Registremos que o auditorio da Symphonia é quasi sempre menos numeroso que o da Philarmonica. Mas não quer isso dizer provenha a differença numérica da inferioridade de uma relação á outra orchestra, e sim da circumstancia fortuita de comparecer á audição da Philar-

(Concilie na pag. seguinte)

— Adoptei este systema de trabalhar no jardim, porque o vizinho do outro lado tem um cachorro feroz, que sempre me mordia as pernas...

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

movAca grande numero de estrangeiros, principalmente allemães, talvez mesmo mais estrangeiros que brasileiros. Como porém a arte não tem patria, a arte é universal, o que se deve assignalar sem *parti pris* é o valor das audições das duas orchestras, as quaes com a sua propria emulação contribuem para manter e desenvolver o gosto pátrio pelas mais elevadas producções da arte musical. A ambas os nosso applausos.

NANCY GUIZARD. — Era uma vez uma menina, uma menina encantada. Vivia no paiz das fadas. Prodigio entre prodigios, tocava, dançava, recitava tanto e tão bem que parecia terem ficado crianças as musas da poesia, da musica e da dança. Mas, por novo encantamento desappareceu da mansão maravilhosa a menina encantada. As fadas nunca mais a viram. E' que, deixando o paiz das fadas, veio para a terra e se transformou na menina-prodigio, Nancy Guizard...

Todos os que viram e ouviram a pequerrucha dedilhando ao piano a *Sonatina* de Clemente e a *Romanza* de Beethoven; recitando *Minha boneca*, de Maria Eugenia Celso, *A solteirona*, de Magdala da Gama Oliveira, *O Gury não é da musica*, de Alvaro Moreyra; dançando o *Bailado das Flores* e *A Boneca*, no *Bazar de Brinquedos* com musica de Léo Delilles, A. Czibulsca e J. Ocatviano, e tudo o mais que constituia o recital realizado pela garotinha no Theatro Casino, na tarde de 22 de outubro — devem ter tido a impressão que tivemos: assistiram á representação de um conto de fadas, viram e ouviram uma menina encantada... uma menina-prodigio...

Parabéns á srta. Nênê Barukel, a quem se deve a revelação da grande pequena artista!

MARINA QUARTIN DE MOURA — A noite de sabbado, 22 de outubro, no I. N. M. ficou assignalada pela revelação de uma nova pianista, que talvez attinja um dia aos mais altos cimos da arte. Referimo-nos á srta. Marina Quartin de Moura, que naquella noite se apresentou como 1.º premio, medalha de ouro, por unanimidade de votos no concurso daquelle I. em 1932, e tocou, além de alguns extra: *Prelúdio e fuga*, de Bach; *Carnaval*, op. 9, de Schumann; *Duas Cirandas* (*Thereza de Jesus* e *O cravo brigou com a rosa*), de Villa Lobos; *Bébé s'endort* e *Chauve-Souris*, de H. Oswaldo; *Poisson d'or*, de Debussy; *Estudo heroico*, de Leschetizky; 3 *Estudos* de Chopin; *Rhapsodia* n. 12, de Liszt.

Apenas no inicio da adolescencia, já ostenta predicados de pianista consummada. Se a faculdade de commover pelo canto interpretativo, está ainda em via de desenvolvimento o de enthusiasmar pela bravura, já attingiu notavel perfeição. Applaudimos tudo o que tocou, mas nos causaram especial agrado os numeros do *Carnaval* — *Eusebius*, *Reconnaissance*, *Paganini*, *Marche des Davidsbundlers* — e o que mais fortemente nos impressionou foi o rigor technico, a vida expressiva que imprimiu a *Poisson d'or*, de Debussy, aos 3 *Estudos*, de Chopin e á *Rhapsodia* de Liszt.

Muitas e bem merecidas ovações recebeu a joven virtuose do auditorio sinceramente emocionado.

THEATRO LYRICO BRASILEIRO — E' hoje finalmente que deve estrear o T. L. B., fundado sob os auspicios da S. C. S., T. C. B., A. B. I., A. A. B. e S. B. A. T., e tendo por commissão organizadora Francisco Braga, Lorenzo Fernandez, Augusto Lopes Gonçalves, Vera Grabinska e Pierre Michailowsky; dos quaes os dois ultimos foram os iniciadores do movimento em prol daquelle theatro.

Qualquer que seja o valor real da obra, merece preliminarmente, pelo seu objectivo, incondicional apoio. E oxalá que a realidade permitta julgal-a boa dentro da relatividade dos recursos technicos e estheticos de que dispõe o nosso meio artistico e social.

OSCAR D'ALVA

Os projectos do submarino "Bruce-Partington"

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

Na terceira semana de Novembro de 1895, um denso nevoeiro amarellado cahiu sobre Londres. Desde segunda até quinta-feira, duvido que, por alguns momentos, fosse possivel distinguir das janellas da nessa casa de Baker Street, o contorno das casas do lado opposto.

O primeiro dia Sherlock passou-o fazendo cruzes no indice do seu enorme livro de notas. O segundo e o terceiro, foram pacientemente preenchidos por um assumpto, de que elle nos ultimos tempos fizera a sua occupação favorita — a Musica na Edade Media.

Quando porem, afastando pela quarta vez as nossas cadeiras da mesa do almoço, vimos o redemoinho oleoso pesado e pardacento, girando ainda em volta de nós e condensando-se em grossos pingos nos vidros das janellas, o caracter impaciente e activo de meu companheiro, não poude supportar por mais tempo esta triste existencia.

Começou a passear, nervoso, de um para outro lado da sala, com a febre de reprimida energia, roendo as unhas, batendo com os dedos nos moveis, revoltado contra a inacção.

— Não ha nada de interessante no jornal, Watson? perguntou.

Eu bem sabia que para Holmes assumpto interessante expressava sempre qualquer coisa de interesse criminal.

Ora, havia noticias de revolução, de uma guerra possivel, de uma crise imminente de governo; mas estes factos não ficavam comprehendidos nos horisontes do meu companheiro.

Em materia criminal nada consegui descobrir que não fosse vulgar e futil. Holmes soltou um gemido e continuou o passeio agitado.

— O criminoso londrino é, sem duvida, uma insipida creatura, exclamou elle com a voz impaciente e queixosa de um caçador a quem foge a caça. Olhe pela janella, Watson, veja como surgem os vultos mais distinctos, fundindo-se logo na massa do nevoeiro. Num dia assim qualquer ladrão ou assassino poderia percorrer Londres, como o tigre vagueia nos matagaes, invisivel até formar o pulo e ser visto apenas pela sua victima.

— Tem havido, retorqui eu, varios pequenos roubos.

Sherlock soltou um grunhido de despreso.

— Este grandioso e sombrio scenario merece mais alguma coisa, disse elle. E' uma fortuna para esta cidade que eu não seja um criminoso.

— De certo, respondi com sinceridade.

— Admittamos que eu fosse um Brooks, ou Woodhouse, ou qualquer desses cincoenta homens que têm razão para me querer a vida! Quanto tempo poderia eu resistir á minha propria perseguição? Um convite... uma entrevista simulada... e tudo estaria

acabado! E' excellente que não haja nevoeiros nos paizes latinos — os paizes do assassinato. Olé! Até que emfim vem qualquer coisa para quebrar esta mortal monotonia.

Era a creada, trazendo um telegramma.

Holmes rasgou o sobrescripto e desatou a rir.

— Ora, ora! O que virá mais? exclamou elle. Vem ahi o mano Mycroft.

— Porque não? perguntei.

— Porque não? E' como se encontrassemos um bonde electrico em um atalho no campo. Mycroft tem os seus trilhos e sobre elles corre. Os seus aposentos no Pall Mall e o "Club Diogenes" em Whitehall, eis o seu circuito. Veiu cá uma só vez. Que irrupção o faria descarrilar?

— Elle não lhe dá explicação disso?

Sherlock leu-me o telegramma do irmão:

"Preciso falar-te acerca de Cadogan West. Parto immediatamente. — *Mycroft*."

— Cadogan West? Não me é estranho o nome.

— Pois a mim nada m'o recorda; mas causa-me surpresa que Mycroft irrompa por esta forma irregular. Seria mais facil um planeta saltar fóra da orbita. A proposito, sabe o que é Mycroft?

Recordava-me vagamente de uma explicação qualquer, quando succedeu a aventura do "interprete grego".

— Disse-me o meu amigo, que elle tinha um pequeno emprego publico.

Sherlock esboçou uma risada.

— A esse tempo não o conhecia tão bem como hoje o conheço. E' necessaria a discreção quando se trata de altos negocios de Estado. Você tem razão, pensando que elle serve o Governo Inglez. Teria tam- bem razão se dissesse que elle é ás vezes, o proprio Governo Inglez.

— Meu caro Holmes?

— Bem suppunha eu causar-lhe surpresa. Mycroft recebe annualmente quatrocentas e cincoenta libras, é apenas um emprego subalterno, não tem ambiçõe- de qualquer especie, recusa-se a receber titulos e honrarias; comtudo é o homem mais indispensavel deste paiz.

— Mas... como?

— Pois bem: a sua posição é unica, creou-a elle proprio. Nunca houve nem haverá outra, que se lhe assemelhe. Possue o cerebro mais methodico e orde- nado que é possivel, junto a uma faculdade de arma- zenar factos, que ninguem no mundo pode egualar. Os mesmos poderosos elementos de que eu uso na descoberta dos crimes, emprega-os elle a favor do seu negocio especial. Todas as conclusões das secretarias são-lhe enviadas, servindo elle de Bolsa Central, es- pecie de "Clearing house", onde é determinado o saldo dessas conclusões. Todos os homens são espe- cialistas, e a especialidade delle é a omnisciencia. Admittamos que um ministro carece a Armenia, a India, o Canadá e o problema do bimetallismo, po- deria obter esses elementos separadamente, das va- rias repartições: mas só Mycroft os consegue co- locar todos em fóco, sabendo dizer sem delongas a fórma porque um desses elementos pode prejudicar os outros. No principio serviam-se delle como atalho e commodidade; porém agora tornou-se elemento in-

— A julgar polo effeito sobre meu irmão, deve ser archivado, ficando á mão de um momento para ou- tro. Vezes sem conta a sua palavra tem resolvido a policia nacional. Elle então não vive senão para isso; não pensa em outra coisa salvo quando, com exercicio intellectual, se digna ouvir-me se o procuro para lhe pedir conselhos sobre um dos meus pe- quenos problemas. Hoje, porém, Jupiter desce á terra! Que demonio haverá? Quem será Cado- West e que tem elle que ver com Mycroft?

— Já sei! exclamei, atirando-me para cima de um montão de jornaes no sofá. Sim, sim, cá está elle, sem a menor duvida! Cadogan West era esse rapaz que foi encontrado morto na via ferrea subterranea na terça-feira de manhã.

Holmes empertigou-se na cadeira, attento, com o cachimbo a meio caminho da bocca.

— Isso deve ser serio, Watson. Uma morte que leve meu irmão a alterar assim os seus habitos, não po- ser uma morte vulgar. Que demonio etrá elle que ver com isso? O caso era falho de interesse e de pormenores, se não me trahe a memoria. O rapaz segundo as apparencias, cahiu do trem para a linha morrendo logo. Não fora roubado nem havia razão pra suspeitar o emprego de violencias. Não é assim?

— Houve um inquerito, respondi eu, e desco- ram-se novos factos. Estudando mais de perto, pa- rece-me um caso curioso.

— Julgar pelo effeito sobre meu irmão deve ser até um caso extraordinario.

Holmes aninhou-se confortavelmente na cadeira.

— Agora, Watson, vamos aos factos.

— O homem chamava-se Arthur Cadogan West. Tinha 27 annos de edade era solteiro e amanuense no arsenal de Woolwich.

— Um emprego publico. Eis o elo que o liga a meu irmão!

— Sahiu repentinamente de Woolwich na segunda feira á noite. Foi pela ultima vez visto pela noiva, miss Violet Westbury, de quem se separou abrupta- mente, no nevoeiro, pelas 7 horas e meia, dessa tarde. Não tinha havido entre elles a menor discordia ella não encontra motivo para esta acção.

Depois só se soube delle quando o seu cadaver foi encontrado por um assentador de carris, chamado Mason, á sahida da estação de Aldgate, na linha subterranea de Londres.

— Quando foi isso?

— O corpo foi encontrado na terça feira, as 6 horas da manhã. Estava estendido a bastante distancia dos carris, á esquerda da linha, indo para o leste, num ponto perto da estação onde a linha sae do tunel. A cabeça achava-se muito esmagada — podendo ser o resultado da quéda do comboio. O corpo só dessa fórma appareceria assim na linha. Se tivesse sido levado para ahi, de qualquer rua visinha teria que passar pelo recebedor dos bilhetes da estação onde se encontra sempre um.

Este ponto parece absolutamente indiscutivel.

Ora bem. O caso é bastante claro. O homem, morto ou vivo, cahiu ou foi precipitado do comboio. Tanto vejo eu. Agora, continue.

— Os comboios que seguem os carris, junto aos quaes se encontrou o corpo, correm de oeste para leste, sendo alguns da linha Metropolitana, outros de Willesden e de entroncamento de outras linhas. Pode ter-se como certo que o rapaz, ao encontrar a morte, viajava nesta direcção a uma hora avançada da noite; mas foi impossivel verificar em que localidade entrou para o comboio.

— Isso ver-se-ia no bilhete, sem duvida.

— Nas algibeiras não se lhe encontrou bilhete.

— Não tinha bilhete! Mas isso é deveras singular, Watson. Sei, por experiencia propria, que não é possivel entrar em uma gare da linha Metropolitana, sem mostrar o bilhete. E' pois de crer que o rapaz tivesse um. Ser-lhe-ia roubado afim de occultarem a estação de onde partiu? E' possivel. Ou deixou-o ia cahir no compartimento onde vinha? E' tambem possivel; é um ponto sigularmente interessante. Não houve, segundo deprehendo, signaes de roubo?

— Parece que não. Vem aqui a lista dos objectos que trazia comsigo. Na bolsa havia 2 libras e 15 shillings. Trazia tambem um livro de cheques sobre a succursal em Woolwich, do banco *Capital and Counties*. Por ahi se verificou a sua identidade. Havia tambem dois bilhetes de balcão de primeira ordem para o theatro de Woolwich, com a data dessa noite, e um maço de documentos technicos.

Holmes soltou uma exclamação de contentamento:

— Emfim, ahi temos a pista, Watson! O Governo Inglez — o Arsenal de Woolwich — documentos technicos — o mano Mycroft — está completa a cadeia. E, se me não engano, ahi vem elle para nol-o dizer directamente.

Momentos depois entrava na sala, a alta e corpulenta figura de Mycroft Holmes.

De estructura pesada e massiça, a sua figura dava uma impressão de rude molleza physica; mas a esta desageitada construcção encimava uma cabeça, tão dominadora na fronte, tão perspicaz nos seus olhos encovados, com tons de aço, tão energica nos seus labios, tão subtil nos seus movimentos physionomicos, que depois da primeira impressão esquecia-se o corpo grosseiro, para ficar apenas o effeito da dominante intellectualidade.

A tocar-lhe quasi nos calcanhares, seguia-o o nosso velho amigo, Lestrade, de *Scotland Yard* — magro e austero. A seridade de ambas as phisionomias accusava um negocio grave.

O agente policial deu apertos de mão, sem pronunciar palavra. Mycroft Holmes desembaraçou-se do sobretudo, com esforço, e deixou-se cahir numa cadeira de braços.

— Um negocio muito desagradavel, Sherlock, disse elle. Eu sou figadal inimigo de alterar os meus habitos; mas os Altos Poderes não acceitaram escusas. Nas actuaes condições de Sião, é extremamente inconveniente ausentar-me da secretaria. Mas é uma verdadeira crise; na realidade, nunca vi o Presidente do Conselho tão incommodado. Emquanto ao Almirantado, está zumbido como um cortiço de abelhas de pernas para o ar. Já leste o caso?

— Acabamos de o ler agora; quaes eram esses documentos technicos?

— Oh! Esse é o ponto! Felizmente ainda nada constou. A imprensa viria furiosa se o soubesse. Os documentos que esse desgraçado rapaz levava na algibeira eram os planos do submarino *Bruce-Partington*.

Mycroft Holmes expressava-se com tal solennidade, que bem definia a plena consciencia da importancia do assumpto. O irmão e eu, sentados, ficamos em espectativa.

— Certamente ouviram falar disto! Pensava que todos tinham ouvido falar no caso.

— Só de nome.

— Pois a importancia do facto difficilmente poderá ser exaggerada. Tem sido o segredo mais meticulosamente guardado, entre todos os segredos governamentaes. Posso affirmar-lhes que a guerra naval se tornará impossivel dentro da esphera de acção de um submarino *Bruce-Partington*. Ha dois annos, uma grande somma foi passada por contrabando no orçamento e dispendida em adquirir o monopolio da invenção.

Empregaram-se todos os esforços para manter o segredo. Os projectos, que são extramamente com-

(*Cont. na pagina seguinte*).

plexos, comprehendendo cerca de trinta differentes privilegios, cada um delles indispensavel para o bom funccionamento de todos, estavam guardados em um complicado cofre-forte, collocado em um escriptorio reservado, annexo ao Arsenal, com portas e janellas á prova de arrombamentos.

Por circumstancia alguma estes planos podiam sahir deste escriptorio. Se o engenheiro constructor naval em chefe os quizesse consultar, era forçado a ir ao escriptorio de Woolwich, para este fim; ora, nós fomos encontral-os nas algibeiras de um infimo amanuense morto no coração de Londres.

— Mas tornaram a rehavel-os?

— Não, Sherlock, não! Ahi é que bate o ponto; não os encontramos. Foram roubados de Woolwich dez documentos; existiam sete nas algibeiras de Cadogan West. Os tres mais importantes desappareceram... roubados... extraviados. Tens de abandonar tudo, Sherlock; põe de parte as ninharias enigmaticas dos Tribunaes de Instrucção Criminal. E' um vital problema internacional, que tens de resolver.

Porque se apropriou dos papeis Cadogan West, onde estão os que faltaram, como morreu elle, como veiu parar o seu corpo ao sitio onde foi encontrado, como se póde remediar este mal? Acha resposta a estas perguntas e terás feito um bom serviço ao teu paiz.

— E porque não resolves tu proprio o problema, Mycroft? Vês tão longe como eu.

— E' possivel, Sherlock; é porem uma questão de obter pormenores. Dá-me tu esses pormenores, que eu, sentado em uma poltrona, dar-te-ei em troca uma excellente opinião technica. Agora andar eu a correr daqui para acolá, para fazer inqueritos aos guardas da linha e estender-me no chão, com uma lente no olho.... não é do meu officio. Não, o unico homem que póde pôr isto a claro, és tu. Se tens desejo de ver o teu nome na relação das mercês honorificas...

O meu amigo sorriu-se e fez com a cabeça um signal negativo.

— Jogo pelo prazer do proprio jogo, disse elle. O problema manifesta, sem duvida alguma, pontos interessantes e ser-me-a muito agradavel investigal-o. Mais factos, se me fazes favor.

— Eu escrevi nesta folha de papel os mais essenciaes, juntamente com algumas moradas que te devem ser uteis. O presente depositario official dos documentos é o famoso technico do governo, sir James Walter, cujas condecorações e sub-titulos enchem duas paginas num livro de notas. Embranqueceu no serviço do Estado; é um homem cujo patriotismo está acima de toda a suspeita. E' elle um dos que possuem uma chave do cofre-forte. Devo accrescentar, que os documentos estavam, sem a menor duvida, no escriptorio durante as horas de trabalho de segunda-feira e sir James partiu para Londres pelas 3 horas da tarde, levando comsigo a chave. Achava-se em casa do almirante Sinclair, em Barclay Square, passando a noite, quando se deu o incidente.

— Esse facto está verificado?

— Está. O irmão delle, o coronel Valentim, certificou a sua partida de Woolwich e o almirante Sinclair a sua chegada a Londres, de fórma que sir James deixa de ser factor directo no problema.

— Quem era o outro homem que tambem tinha chave?

— O primeiro amanuense e desenhista, Sidney Johnson. De 40 annos, é casado e tem cinco filhos. E' homem reservado e de poucas falas; mas tendo excellente reputação como empregado publico. E' pouco sympathico aos collegas, sendo comtudo um trabalhador incansavel. Segundo a sua informação, confirmada apenas pela mulher, esteve em casa toda a tarde e toda a noite de segunda-feira, depois de fechar o escriptorio, e a sua chave nunca sahiu da corrente do relogio, onde anda pendurada.

— Conta-nos alguma coisa sobre o Cadogan.

— Ha dez annos que é empregado publico e tinha feito bom serviço. Diz-se que era de caracter ardente e impulsivo mas honesto e são. No escriptorio era o immediato inferior de Sindney Johnson. Os seus deveres punham-n'o em contacto diario com os projectos. Ninguem mais lhes tocava.

— Quem guardou os projectos nessa noite?

— Sidney Johnson, o primeiro amanuense.

— Bem, parece-me não haver duvida sobre quem os levou. Foram encontrados, até, nas algibeiras do empregado inferior, Cadogan. Isso é terminante, não te parece?

— Parece, Sherlock; mas ainda resta muito para averiguar. Em primeiro logar, por que motivo os tirou elle?

— Presumo que fossem de valor?

— Obteria facilmente por elles muitos milhares de libras.

— Podes apontar-me qualquer possivel motivo para elle levar os papeis a Londres, que não fosse o de vendel-os?

— Não, não posso.

— Então, é necessario adoptar esta hypothese como base de investigações: Cadogan tirou os documentos. Ora isso só se podia conseguir, possuindo uma chave falsa.

— Varias chaves falsas. Tinha de abrir o edificio e depois o escriptorio. Levou os papeis para Londres, afim de vender o segredo, tencionando, sem duvida, tornar a metter os mesmos projectos novamente no cofre, na manhã seguinte antes de darem pela sua falta. Encontrou o seu fim emquanto em Londres praticava este acto de traição.

— Como?

— Supponhamos que elle voltava para Woolwich

quando foi assassinado e atirado á linha da carruagem.

— Mas, Aldgate, onde foi encontrado o corpo, é muito para lá da estação de London Bridge, onde fica a linha de Woolwich.

— Podem-se admittir varias circumstancias, que o levassem a passar por London Bridge: iria, por acaso, alguem no compartimento, com quem encetou uma alteração accidental; desta conversação resultaria uma scena violenta, em que perdeu a vida. E' possivel que, tentando sahir da carruagem, cahisse á linha, encontrando por este modo o seu fim. O outro fechou a porta. O nevoeiro era denso e nada podia ser visto.

— Nenhuma outra melhor explicação se pode dar em vista dos actuaes esclarecimentos; e considera ainda, Sherlock, quantas coisas deixas intactas. Admittamos, por mera hypothese, que o rapaz tivesse resolvido levar os papeis para Londres.E' natural que tivesse marcado entrevista com o agente estrangeiro, conservando livre a noite. Em vez disso comprou dois bilhetes para o theatro, acompanhou a noiva até quasi meio caminho e então desappareceu de repente.

— Um estratagema, disse Lestrade que sentado, escutára com alguma impaciencia a conversação.

— Um estratagema bastante singular! Admittamos que elle chegasse a Londres e falasse com o agente estrangeiro. Era forçoso tornar a levar os papeis antes de amanhecer para não se dar pela falta. Tirara do cofre dez papeis; só sete lhe foram encontrados na algibeira. O que aconteceria aos outros tres? Elle, com certeza, não os largou de livre vontade. Ainda ha mais: onde está o preço da sua traição. Era natural ter-se-lhe encontrado avultada somma nas algibeiras.

— A mim, parece-me perfeitamente claro, interrompeu Lestrade. Não tenho a menor duvida sobre o que succede. Levou os papeis afim de os vender. Falou com a gente. Não chegaram a um accordo sobre o preço. Partiu novamente para Woolwich; mas o agente acompanhou-o. No comboio o agente assassina-o, tira-lhe os papeis essenciaes e atira-lhe o corpo para a linha. Assim fica tudo explicado, não lhes parece?

— Porque não tinha elle bilhete?

— O bilhete teria indicado a estação mais proxima da residencia do agente, portanto este tirou-o da algibeira do assassinado.

— Está bem, Lestrade, muito bem, disse Holmes a sua theoria mantem-se por si; mas se isso for assim, o caso está terminado. Por um lado, o traidor está morto; por outro os projectos do sub-marino "Bruce-Partington" estão já, provavelmente, no estrangeiro. O que nos resta pois para fazer?

— Investigar... Sherlock, investigar, exclamou Mycroft, pondo-se de pé num salto. O meu instincto revolta-se contra esta explicação. Serve-te dos teus recursos, vae ao local do crime! Fala com as pessoas interessadas! Não deixes de esquadrinhar tudo. Em toda a tua carreira nunca tiveste occasião tão propicia para servir o teu paiz.

— Bem, bem, disse Sherlock, encolhendo os hombros. Vamos Watson! E você, Lestrade pode-nos fazer o favor da sua companhia por uma ou duas horas? Começaremos as nossas investigações por uma visita á estação de Aldgate. Adeus, Mycroft. Mandar-te-ei um relatorio do que houver, antes de escurecer; mas previno-te que tens pouco a esperar.

Uma hora mais tarde Sherlock, Lestrade e eu achavamo-nos na linha subterranea, no ponto em que esta sae do tunnel, logo antes de chegar á estação de Aldgate.

Um sugeito de certa idade, cortez e rubicundo, representava a Companhia do Caminho de Ferro.

— Foi neste logar que se encontrou o corpo do rapaz, disse elle, indicando um local, cerca de tres pés distante dos trilhos.

Não podia ter cahido de cima, porque estes muros, como vêem, são altos e isolados. Portanto só podia ter vindo num trem de passageiros e esse trem, segundo os nossos calculos, passaria aqui pela meia noite, na segunda-feira.

— As carruagens foram examinadas para ver se existem alguns vestigios de violencia?

— Taes vestigios não existem e não se encontrou o bilhete.

— Nenhuma nota de porta encontrada aberta?

— Nenhuma.

— Recebemos esta manhã novos depoimentos, disse Lestrade. Um passageiro, que passou por Aldgate em um trem ordinario metropolitano, na segunda-feira, ás 11 e 40 da noite, declara que ouviu um baque surdo, como de um corpo cahindo na linha, quasi á entrada do trem na estação. Era tão denso porem o nevoeiro, que nada podia se distinguir. Mas... o que tem o sr. Holmes?

O meu amigo estava de pé, olhos fitos cheios de intensa observação nos trilhos, onde estes faziam curva, ao sahir do tunnel. Aldgate é um entroncamento e havia nesse ponto uma rêde de agulhas. Era nestas que se fixava o seu olhar ardente e interrogador, e notei-lhe na physionomia perspicaz e viva, o cerrar de labios, o tremor das narinas e a concentração dos pesados e hirsutos sobr'olhos, que eu tão bem conhecia.

— As agulhas... murmurou elle, as agulhas...

— Que têm? O que quer dizer?

— Supponho que não existe grande numero de agulhas em uma linha como esta?

— Não; ha muito poucas.

— E de mais a mais, uma curva; agulhas e curva!... E se assim fosse!

(Continúa no proximo numero)

GLORIA AMARGA

FELICIDADE

(Para Martins Capistrano)

Entre alguns livros e a mulher amada
Limitei, afinal, minha affeição.
E passo, agora, vida descansada
E, descansado, tenho o coração.

Os espinhos e as urzes da jornada
Transformaram-se em flôres, pelo chão.
Tudo por causa de uma loura fada
E mais sua varinha de condão.

Nesta locanda, sempre tão serena,
A vida é bôa, singular e amena,
Porque dois sonhos só num sonho encerra.

E' linda a estrada que a sorrir palmilho.
Tenho amor... tenho livros... tenho um filho...
E é quanto basta para estar na terra!...

HORACIO MENDES

DEIXANDO a Sociedade Nacional de Bellas Artes, Alvaro e Carlos seguem pela larga calçada, em demanda do auto que o ultimo deixára estacionado um pouco além.

Caminham, por algum tempo, silenciosos: Carlos mergulhado em profunda tristeza, que facilmente se adivinha em seu semblante; Alvaro constrangido pelo recolhimento do amigo.

Por fim, o segundo não mais se póde conter e, affectuosamente indaga:

— Vejo-te tão triste. Que mágoa te possúe?!

— Melancolia apenas — responde Carlos, num sorriso contrafeito.

— Mas sempre deve haver uma causa...

— Para a melancolia?! De tanta cousa póde vir! De um sorriso feliz nos lábios de alguem, e que nos traz á lembrança que tambem já sorrimos assim. Da quéda das folhas, que nos recórda a derrocada de nossos sonhos — folhas sêccas da arvore da illusão. De um ninho deserto — a lembrança de alguem que nos deixou!...

— Carlos, debalde tentas enganar-me, dissertando sobre a melancolia em geral, quando te inquiro sobre a tua propria. Não me illudes! Tenho-te observado profundamente, e quasi estou a jurar que a tua tristeza muito se prende ao acto de amanhã. Confesso-te, por mais esforço, não consigo chegar á razão por que recusaste o convite para orador no terceiro anniversario de morte do Artista da Candura! Tanto amas a oratoria e, sobretudo, tão amigo foste do finado! Como que ha em tudo um mysterio...

— Alvaro, somos muito amigos; um segredo que fosse meu unicamente, um desabafo de minha alma, eu t'o confiaria, como, em vida, áquelle a quem te referes! Ha, de facto, um mysterio, um segredo que te não posso desvendar pela razão de que me não pertence... Perdôa!

A estas palavras, chegam ao automovel.

— Não queres rir, Alvaro?! deixo-te, em casa!...

— Agradecido; preciso ir fazer umas compras.

— Então, até amanhã!

Despedem-se. E, já ao volante Carlos, voltando-se ainda uma vez para o amigo, diz-lhe:

— Perdôa!

E, accionando o motor desapparece.

* * *

Agora, em casa, Carlos méde a longos passos o aposento. Como que se transporta tres annos atraz quando, á mesma hora, mais ou menos, lhe haviam trazido a carta do amigo.

Ha sempre um prazer indefinivel em recordar, porque, na dôr que nos punge, a alma ainda divisa a caricia de um beijo, a graça de um sorriso.

Elle abre a secretária, toma um pequeno cofre, tira uma carta e, sentando-se, põe-se a ler aquellas paginas amarellecidas pelo tempo:

"Rio, ... de... de...

De João Ramos

"Carlos:

"Meu eterno confidente, relicario de alegrias e pesares, venho, ainda uma vez, desabafar comtigo, embóra d'esta não me possa valer o teu conforto.

"Ao receberes a presente, certo serei já cadaver, a não ser que me negues a sorte o unico Bem que ainda almejo. Esta, além de ser o vazamento da minha alma no teu peito amigo, tem mais por fim tirar-te á crença, certamente geral, de que o meu suicidio seja fructo da loucura a que me teria levado a gloria imprevista.

"Meu confidente que sempre foste, bem sabes de todos os meus sentimentos até o dia em que de ti me apartei para não mais te ver. Perdôa-me, porém, que, sendo tu assim conhecedor profundo da minha alma, eu te venha falar do que é tão de tua sciencia: o meu amor por Wanda!

"Comprehenderás depois que isso se faz mistér; e quando assim não fosse, perdoarias ao desgraçado que, já ás portas da morte, recorda o Bem que era toda a sua vida!

"Wanda!... O meu amor!... A minha felicidade!... Oh, amigo; o infinito é uma utopia, porque essa ventura teve fim!

"Feliz o que morre na crença da felicidade, inextinguivel, porque, si a mágoa de se deixar um Bem na Terra é vehiculo para a ascenção á Eternidade, elle verá, no seu trajecto, em cada estrella um degráo da escada da Esperança, por onde depois ha de subir ao Céo o Bem da Terra, para o proseguimento da ventura interrompida, para a felicidade eterna! Wanda!... Cria ser amado, e essa crença me transportava ao Paraiso! Tu mesmo o achavas; e, todas as noites, na quietude do meu lalto, eu adormecia embalado pela constante sonata de tuas palavras: "Ella te ama!"

"Oh, como é possivel que Wanda haja enganado a nós ambos?! A mim, não me admira: talvez visse affecto no que mais não era que a acção reflexiva da minha propria amizade, tão sem limites. Mas, a ti, causa-me espanto! Como poude illudir-nos?! Ou a que metamorphoses bruscas está sujeita a alma da creatura?! Recordas-te quando Wanda consentiu em me servir de modelo?! Como só vi então prova de amor, onde hoje adivinho unicamente requintes de vaidades?!

"Com que carinho me entreguei á obra! Todo o meu sentimento, sublime, puro, nella vazei!

"Conheces bem a historia do meu amor. Mezes após a tela terminada, Wanda partiu para a Europa. Não podia acompanhal-a. Depois, ella me havia dito que a demora seria por um anno, si tanto... Resignei-me a esperar: Então comprehendi quanto os poetas dizem da Saudade! O Mal-Felicidade! E' como se trouxessemos preso á alma um guizo e, aos soluços arfando, o guizo soasse alegremente! Saudade! Visita que bate á nossa alma a todo o instante: vem o cartão da alegria sobre a salva do soffrimento! Foi nesta phase que se realizou a

(Continúa na pag. seguinte)

¡CORDOVA!

(Ao Yves)

Cordova sonha ao luar lactescente de opala..
Têm o alvor do marfim as sagradas mesquitas.
Agudo minarete o firmamento escala
Buscando a paz de Allah para as almas afflictas.

Manso o Quadalquivir que languido resvala
Entre bosques, jardins de flores esquisitas,
No timbre de crystal dos seus cantos embala
A perola dos Reis e sabios istamitas...

Florescem roseiras... E nos pateos de luxo,
Casam-se á doce voz de tremulo repuxo
Accordos de anafil e doçainas mouriscas...

Move airosa palmeira a verde ventarola...
O sandalo rescende; e dos harens se evóla
Um perfume de incenso e carne de odaliscas.

ALBERTO DE ARAUJO LINS

competição internacional de pintura. Já havia concorrido em outras de tal genero, porém não do folego desta. Mas estava todo embevecido da minha obra: inscrevi-me. E sabes das incertezas nessa quadra de minha vida! Não era a Gloria que me tentava: havia ao vencedor um premio em dinheiro, e todo me absorvia a esperança de ir ao encontro de Wanda!

"Chegou o dia do julgamento. Os juizes, impressionados pela pureza da imagem do meu quadro, houveram por justo dar-me o premio de honra. E, embora estivesses presente ao acto de então, recordo-te aqui as palavras da commissão á entrega da medalha: *Podemos bem chamar-vos o Artista da Candura.* Que alegria a minha! Não pela Gloria, já t'o disse; eu me dava bem pouco valor pelo mérito que havia enthusiasmado os juizes, porque todo pertencia ao anjo que me servia de modelo! Parti, cheio de alegria. E, meu amigo, o barulho das ondas, que a tantos aborrecia, para mim era o mar a repetir a eterna sonata de tuas palavras: "Ella te ama! Ella te ama!"

"Em Paris, depois de ardua procura, soube onde Wanda estava residindo. Fui vêl-a. Confesso-te, logo á entrada mal me impressionou aquelle palacete: não era o ninho modesto que eu sonháva para a pureza daquelle anjo. Emfim, póde o lirio viver entre sêdas e perolas sem macular a sua candura!

Wanda recebeu-me. Julgava que se atiraria em meus braços; podia

Gloria amarga

(Conclusão)

ser um pensamento menos puro, mas a Saudade o santificava. Porém, não foi assim: a recepção se fez friamente. Disse-lhe então da mágoa da ausencia, do premio conquistado, da ansia da partida, da ventura da chegada. Disse... calcula o que poderia externar um apaixonado como eu, depois de tão longo afastamento! E muito ainda só lhe disse o pranto que me corria pelas faces.

"Ella deixou-me falar, sem me interromper. Depois, sem compaixão, — já não digo das magoas contadas do passado, mas das lagrimas do Presente, — num sorriso que não era o que eu havia fixado na tela, falou-me assim:

"— O tempo da illusão passou; agora vive a realidade.

— Sabes que a Helena vae casar?
— E quem é o feliz mortal?
— Certamente seu pae, que assim se vê livre della.

"Meu cerebro estava adivinhar do a terrivel catastrophe, mas o coração não queria della se aperceber.

"Insisti. Pedi que me explicasse. E Wanda, cruel, indifferente, explicou:

"— Hoje sou de quem mais me póde dar!"

Não te digo não comprehender como não matei essa mulher! Mentiria! Deu-se em mim a completa ausencia do meu eu, projectado bruscamente ás profundezas do Inferno! Louco, completamente louco, tudo quanto levava — premio ao Artista da Candura — atirei aos seus pés, possuido não sei de que sentimento inexplicavel!

"Horas depois, voltando da minha allucinação, fugi daquelle aposento, com asco de tudo, a começar de mim proprio. Fugi para longe, para muito longe, e assim errei de paiz em paiz, por alguns annos.

"Por fim, saudoso da Patria, regressei.

"Aqui chegado, caminhando a esmo, fui ter áquella praça. Um monumento que jamais conhecera. Instinctivamente, me approximei: era o meu busto, uma homenagem da Sociedade de Bellas Artes.

"Na dedicatoria, além do meu nome, estas palavras que li vezes sem conta: *Ao Artista da Candura.*

"Que mais te hei de dizer?! Sobre o tumulo do meu sonho o epitaphio da minha Gloria!

"Gloria amarga!"

....

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno	(52 ns.)	48$000
Semestre	(26 »)	25$000

(Registada)

Anno	(52 ns.)	70$000
Semestre	(26 »)	36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno	(52 ns.)	78$000
Semestre	(26 »)	40$000

(Registada)

Anno	(52 ns.)	115$000
Semestre	(26 »)	60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: [illegible]:

Gustavo Barroso — Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 31, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa	1$000
Numero atrazado	1$500

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

AMÉRICO & CIA

RIO DE JANEI

RUA SETE DE SETEMBRO-86